

UM PERFUME
CHAMADO DRI

– romance juvenil –

João Paulo Hergesel

UM PERFUME
CHAMADO DRI

– romance juvenil –

2.^a edição



Editora Jogo de Palavras

• Alumínio, SP •

2018

Copyright © 2014 by João Paulo Hergesel

*Um agradecimento especial à Dubolsinho e à Aaatchim! Editorial,
que acreditaram neste trabalho e cuidaram da primeira edição do livro.*

H545p

Hergesel, João Paulo.

Um perfume chamado Dri / João Paulo Hergesel. – 2. ed. –
Alumínio: Jogo de Palavras, 2018. (Coleção Joaninha
Platinada).

120 p. | 14 cm x 21 cm.

ISBN 978-85-66626-76-6

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Literatura infantojuvenil.
I. Título.

CDD: 808.899283 | CDU: 82-93

2.^a edição

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:



Editora Jogo de Palavras

Alumínio, SP • 2018

www.jogodepalavras.com

“E se me achar esquisita, respeite também.
Até eu fui obrigada a me respeitar.”

CLARICE LISPECTOR

Sumário

| | |
|--|----|
| Momento estranho | 11 |
| O amigo tímido | 12 |
| O amigo surfista..... | 13 |
| Um perfume chamado Dri..... | 14 |
| Mamãe e papai..... | 15 |
| A ligação | 16 |
| No telejornal, a notícia..... | 17 |
| 10 coisas que posso fazer com o Dri..... | 19 |
| Cartão de crédito e bacalhau | 20 |
| O namorado ideal | 20 |
| Almoço a quilo | 23 |
| O sabor de um beijo..... | 24 |
| Perdida no tempo | 25 |
| Papo sobre beijo | 26 |
| Dor de joelho | 27 |
| A décima coisa..... | 28 |
| Roteiros de cinema | 30 |
| Oi..... | 31 |
| Artefato medieval..... | 32 |
| Tão transparente | 33 |
| Cria do cabra..... | 35 |
| Visita da síndica..... | 36 |
| Recado a Roberto | 38 |
| Dinheiro para o aluguel..... | 38 |
| Equação do segundo grau | 40 |

| | |
|--------------------------------------|----|
| O primeiro desejo..... | 41 |
| Sobre as águas..... | 43 |
| O pão francês..... | 44 |
| O pão francês — parte 2..... | 45 |
| A mulher que matou os peixes..... | 46 |
| A mariposa e o pão francês..... | 47 |
| Pensando em alguns casos..... | 49 |
| Convite molhado..... | 50 |
| Desafio de velocidade..... | 52 |
| Vale-aula..... | 53 |
| Inspiração (e também expiração)..... | 54 |
| Crise no namoro..... | 55 |
| Passeio de iate..... | 56 |
| Loira versus morena..... | 58 |
| Atendimento em domicílio..... | 59 |
| Na chácara, novidades..... | 61 |
| Ideias atravessadas..... | 61 |
| Pintura rupestre..... | 63 |
| Garganta e fogo..... | 65 |
| Intercâmbios..... | 66 |
| A caminho da bilheteria..... | 66 |
| Intercâmbios..... | 67 |
| Mímica e pipoca..... | 68 |
| Mente fresca..... | 69 |
| Novo amigo de Malu..... | 70 |
| A marca de nascença..... | 72 |
| A escolha de um presente..... | 73 |

| | |
|--|-----|
| Penteado desastrado..... | 74 |
| Uma ida ao futuro..... | 74 |
| Um estouro de cenário..... | 76 |
| Imprevisto com tintas..... | 77 |
| Terapia de relaxamento..... | 78 |
| Em busca do celofane esquecido..... | 79 |
| Objetos movidos com a mente..... | 81 |
| A primeira crônica..... | 82 |
| Depilação axilar..... | 83 |
| Outra ligação..... | 84 |
| Pegadinha da Mirela..... | 85 |
| Procurando uma camiseta bacana..... | 86 |
| O emprego de Jennifer..... | 87 |
| Quebrando o pau..... | 88 |
| Dedo no gatilho..... | 89 |
| Outra depilação axilar..... | 90 |
| Produto com potencial..... | 91 |
| O primeiro parágrafo..... | 92 |
| Tubarão, estátua e Adriana..... | 93 |
| Manipulações..... | 94 |
| Morte..... | 95 |
| O enigma do peixe..... | 95 |
| Surdo, mudo e cego..... | 97 |
| Tesouro enterrado..... | 99 |
| De Gi para Dri..... | 99 |
| Com a leitura da carta, a realização do nono desejo..... | 101 |
| Lorena em cena..... | 101 |

| | |
|--|-----|
| Golfinho do mal..... | 102 |
| Inimiga do bem..... | 103 |
| Auxílio à psicologia..... | 104 |
| Driblando a recepcionista..... | 105 |
| O último desejo..... | 106 |
| Um urubu chamado Gastrite..... | 108 |
| Hora do fim..... | 109 |
| Emoções anestesiadas..... | 109 |
| Tese sobre o preto..... | 111 |
| Novos empregos..... | 111 |
| Almoço de domingo..... | 112 |
| No hospital, dessa vez, sem dribles..... | 112 |
| Cesta de melhoras..... | 113 |
| As 10 notícias mais excêntricas da semana..... | 114 |
| O décimo primeiro desejo..... | 116 |

Momento estranho

Tenho uma facilidade incrível de atrair coisas estranhas, pessoas excêntricas, situações inusitadas. Isso talvez aconteça por eu estar bem longe do ápice da normalidade. Esquisita deveria ser meu primeiro nome, mas meus pais preferiram me chamar de Adriana.

Numa das vezes em que voltava da aula de ginástica artística, vi uma multidão em frenesi no calçadão da praia. Aproximei e vi que todos estavam embasbacados por uma suposta macaca albina da sorte.

Segundo o adestrador, apenas por ter o pelo branco e ser de uma raça tão rara, a macaca tinha o poder de prever o futuro de quem a tocasse, e ele demonstraria isso com alguém que estivesse passando à toa por ali.

Eu, a rainha das esquisitices, fui a “escolhida por acaso”. Ele me disse para tocá-la como se fôssemos Aladim e lâmpada mágica, mas, assim que encostei na bípede peluda, ela ficou com a macaca e saiu pulando por todos os cantos.

A princípio, pensei que ela estivesse procurando uma banana ou coisa do tipo, mas ela logo se acalmou, chegou perto de alguns papéis que estavam espalhados pelo chão e escolheu um deles. O adestrador me entregou o bilhete e me alertou que sua Branca nunca falha.

Desdobrei e li: “Um cheiro poderoso vai mudar a sua vida.” No momento, achei que tudo não passava de uma pegadinha e que me jogariam algo fedorento para que eu virasse motivo de chacota para os presentes.

Nada, porém, aconteceu. Todo mundo permanecia estático, assistindo as estripulias de Branca. Saí de fininho e corri até o telefone público mais próximo para ligar ao único amigo capaz de não estranhar coisas estranhas.

O amigo tímido

Tímido deveria ser seu primeiro nome, mas seus pais preferiram chamá-lo de Giovanni. Desde que era um feto, o garoto demonstra traços de inibição: durante o ultrassom, se recusou a mostrar, ainda que de relance, seu *terceiro bracinho* e só revelou ser menino na hora do parto.

Quando tinha 7 anos, começou a assistir às Olimpíadas pela televisão e acabou se encantando pela ginástica artística; por isso, adoeceu. O médico não conseguia identificar o problema e aconselhou a procurar uma psicóloga, pois devia ser uma enfermidade provocada por algum desejo reprimido.

Marcelo, o pai que nunca acreditou que psicologia poderia ajudar alguém, caiu no riso e passou a receita por conta própria: “Se Giovanni está se sentindo sozinho, vamos lhe comprar uma cachorra!”

Amaia se tornou o novo membro da família Villardi, mas a única coisa que a gracinha canina sabia fazer era xixi por todos os cantos.

Celina, a mãe que já estava cansada de ver tanto sofrimento, botou o menino no carro e o levou até a doutora Flávia, a psicóloga mais renomada da cidade. Alguns a consideram uma amiga tão íntima que a chamam de Flá; eu posso ser ainda mais íntima e chamá-la de mãe. Logo na primeira sessão, o diagnóstico: Giovanni queria ser ginasta.

Em casa, Celina lavava um prato já limpo; olhava para o relógio na parede. Punha uma panela para requentar; olhava para o relógio na parede. Os ponteiros marcavam seis e quinze — seis e dezesseis, talvez — quando Marcelo chegou em casa e ela logo desembuchou o que afligia o filho.

Do quarto, enquanto acariciava sua cadelinha, Giovanni percebeu, pelas palavras rudes que saíam do pai, que não experimentaria tão cedo a sensação de se pendurar nas argolas.

No dia seguinte, o retorno ao médico: o centro cultural exigia uma autorização médica para que Giovanni pudesse praticar algum esporte.

Um sorriso clareou o rosto do menino que não entendeu por que o pai teve que sair de casa e só visitá-lo uma vez por semana para que seu desejo fosse concretizado, mas em pouco tempo se acostumou com isso.

Desde que nos conhecemos, entre uma aula e outra, ficamos melhores amigos.

Minha chamada caiu na caixa postal e eu falei com ela mesma. Melhor dizendo, deixei um recado contando o ocorrido e pedi para Giovanni me ligar mais tarde. Pondo o fone de volta no gancho, avistei, saindo do mar, um filho de Netuno.

O amigo surfista

Cabelo bagunçado, pele bronzeada, uma prancha de surfe na mão esquerda. Daniel era seu primeiro nome, mas todos os amigos o apelidaram de Delfim. Ele estuda comigo desde o primeiro ano e, desde o sexto, se tornou um sonho de consumo.

Assim que me viu no calçadão da praia, veio em minha direção.

— Oi, Dri. Que surpresa ver você por aqui!

— Eu estava voltando pra casa... aí estava olhando para a praia... aí vi você.

— Pra falar a verdade, só saí do mar pra tomar um refri. Vou continuar treinando, não quer assistir?

Não entendi nada depois do “pra falar a verdade”. A rouquidão de sua voz era como canção para os ouvidos e me distraíam de qualquer realidade.

— Se você quiser ficar, o pessoal está sentado naquele quiosque...

— Eu bem que adoraria ficar, mas não posso. Disse pra minha irmãzinha que levaria um presente pra ela, porque ela me deixou escolher o canal da televisão ontem à noite. E se a loja fechar, não posso cumprir a minha promessa.

Ele consentiu e me deu um beijo no rosto antes de voltar pra água, deixando minhas maçãs do rosto tão vermelhas quanto maçãs de verdade.

Um perfume chamado Dri

Algo muito comum na cidade são as lojinhas de R\$1,99 e foi numa dessas que entrei para comprar um presente para Mirela.

Assumindo pose de modelo, fiz dos corredores passarelas e das prateleiras, plateia. Acenando para as saboneteiras e mandando beijinhos para os hidratantes, notei a presença de alguns perfumes. Uma, em especial, chamou minha atenção.

Não era bonito só no frasco cilíndrico, ou no azul-claro do líquido, ou no aroma da flor de lótus. Era belo também no nome: Dri. Levei como se ele tivesse sido fabricado em minha homenagem. Voltei para casa com uma sacolinha pesando duzentos gramas.

Quando cheguei em casa, fui recebida por uma pergunta que me exigiu improviso.

— O que foi que você comprou para mim?

— Tive uma ideia muito criativa e espero que você goste.

Entreguei a sacola.

— Um perfume? Mas eu não uso perfume. Tenho cheirinho natural de bebê.

— Sua boba! Esse perfume não é para você. É para mim.

— Então, cadê o meu presente?

— Você não entendeu? Com esse perfume, eu ficarei feliz. Quer presente melhor do que ver a irmã feliz?

Enganar uma menininha de 7 anos deveria ser fácil, mas ela não caiu na armadilha.

— Já vi que a gente vai assistir desenho por um bom tempo — e me fez entender que ela seria uma barreira entre mim e a telenovela.

Mamãe e papai

O aquário de Betto fica na parede que faz divisa com o quarto dos meus pais. Alimentá-lo, ultimamente, vem sendo constrangedor, pois é só se aproximar que ouvimos os gritos abafados e gemidos que vêm do quarto do casal.

O motivo disso foi a suspeita de meu pai que minha mãe o estava traindo. Por isso, ele tomou emprestado o carro de um amigo e ficou estacionado na esquina da clínica onde ela trabalha.

Os ponteiros de seu relógio apontavam seis e dezesseis — seis e quinze, talvez — quando um carro preto parou na frente, e ela entrou. Ele resolveu segui-la e, quando viu o veículo alheio entrar no *Lovin' Motel*, chocou-se contra um poste.

Tal incidente chamou a atenção de todos os que estavam próximo, inclusive de minha mãe, que desceu para ver o que havia acontecido. Quando ficou frente a frente com meu pai, minha mãe empalideceu e, mesmo sem perguntas, tentou se justificar.

— Tudo começou há alguns anos, quando ele veio até mim. Pensei que se tratava de um paciente nervoso, mas era pior... Era o pai nervoso de um paciente. Ele começou a gritar comigo e me ofender porque, segundo ele, eu havia sido a responsável por sua desunião familiar. Vendo que eu não conseguiria acalmá-lo naquele momento, eu o convidei para almoçar. E esse simples almoço acabou resultando num jantar, que se transformou em cafés da manhã. Quando percebi, estava completamente envolvida.

De fato, Marcelo passou a gostar (e muito) da psicologia.

— O que fizeste me magoou profundamente — meu pai mostrava compreensão no sotaque nordestino —, mas estou disposto a te perdoar, *viçse*. Mas tu terás que escolher: ou ele ou eu?

Precisava decidir: ou ficava com aquele cuja ingenuidade a conquistou, ou com o caso extraconjugal que já mantinha há mais de seis anos. Ela esqueceu a profissão; deixou o coração decidir. Em consequência, ficou com aquele que considera o verdadeiro amor da

vida dela. Desde então, ninguém mais entrou ou saiu do quarto do casal.

— Pai — Jennifer chamava pelo buraquinho da fechadura —, venha jantar!

Não houve resposta. Apenas mais um *ai-mi-mi*.

— Não vai adiantar ficar se lamentando... Isso não trará a mamãe de volta.

E eu, no meio da algazarra, do sofrimento, das crises adolescentes e de toda a minha bugiganga, vivenciava essa cruel realidade, enquanto Betto soltava suas inúteis bolhas na água.

A ligação

A mão direita levava o garfo com arroz até a boca quando o telefone tocou.

— Oi, Gi. Tudo bem?

— Nossa, como você sabia que era eu?

— Como eu poderia não saber?

Disfarcei o fato de que ele é a única pessoa que me liga todos os dias naquele horário. O silêncio do outro lado da linha me obrigou a puxar o assunto.

— Você viu a mensagem que deixei no seu celular?

— Ouvi — ele me corrigia indiretamente. — Já sabe de que cheiro a macaca estava falando?

— A macaca não falou nada, estava escrito no papel — minha vez de corrigir. — Mas o único cheiro que senti depois disso foi um de feijão queimado e que posso sentir até agora.

O “tô ouvindo” de Jennifer me fez rir.

— Ah! — acrescentei. — Também comprei um perfume novo hoje que tem meu nome. Mas, por mais que eu tenha ficado lisonjeada, isso não mudou minha vida.

— Uma pena que essa macaca não possa ver o passado.

— Por quê?

— Porque aí ela lhe contaria o sonho que tive com você.

Eu mais uma vez aparecendo sem ser chamada no subconsciente dos outros...

— Pra começar, um espírito assombrava minha casa. Minha mãe estava com tanto medo que tentou se esconder, passando pelo ralo da pia. Você, então, apareceu com a solução: contratou um lobo mau para exorcizar o ambiente.

— Um lobo mau? E o bichinho era um bom exorcista?

— Bem, isso eu não sei. Só sei que ele começou a nos perseguir e, por isso, demos um jeito de atraí-lo até uma tábua de passar, onde o prendemos no meio das roupas. Acho que depois disso o espírito deve ter ido embora.

Pelo jeito, ele andava lendo muita fantasia.

— Viu, vou ter que desligar agora — ele dava risada. — Minha mãe já tá dando sinais aqui de que o dinheiro da pensão não vai ser suficiente para pagar a conta do celular.

— Tá bom, então. Beijo...

— Tchaul! — encerrou de um jeito meio tímido.

No telejornal, a notícia

Mirela deitada com a cabeça no colo de Jennifer que lhe fazia cafunés. Elas ocupavam todo o espaço do estofado de três lugares, o que me obrigou a sentar no sofazinho de dois. Esse seria bastante aconchegante para mim se não houvesse um enorme buraco nele que estava ocultado — foi inteligentemente tapado — por uma almofada mofada.

Assim que Mirela caiu no sono e Jennifer foi levá-la ao quarto, voei para o sofazão que e, pegando o controle remoto, estava me decidindo para qual canal mudaria. Reality show, programa de humor ou novela? Tanta indecisão fez com que eu ficasse vendo o telejornal.

A primeira notícia me fez aumentar o volume.

“Foi internada, há pouco, na clínica psiquiátrica municipal, a famosa cientista Márcia Galileu. Enquanto era levada pelos enfermeiros, a célebre insistia em dizer que seu lado bruxa tinha se manifestado e que havia inventado uma poção mágica capaz de transformar qualquer desejo em realidade. Quando questionada sobre o paradeiro da tal poção, ela disse desconbecer. Afirmou apenas que colocou o elixir dentro de um frasco de perfume e deixou em uma loja da cidade para que o felizardo que o comprasse pudesse fazer seus sonhos virarem realidade.”

As palavras da jornalista me deixaram estatelada e assim permaneci até o telefone tocar. No terceiro trim, Jennifer atendeu resmungando. Era para mim.

— Alô?

— Agora você não adivinhou que era eu! — Giovanni brincou.

Se fosse uma conversa de computador, seria o momento ideal para eu mandar uma dessas carinhas sorridentes.

— Você viu o que acabou de passar no jornal? Será que não tem relação com o perfume que você comprou hoje?

— Vi, sim... e também fiquei intrigada. Mas não acredito nessa história de poção mágica. A mulher tem problemas mentais, não diz coisa com coisa.

— Mesmo assim, acho que você deveria fazer o teste. Quem sabe, mesmo sendo muita loucura, é verdade?

— Vou testar, sim. Só tem um problema... Estou com medo! — dei uma pausa. — Já sei! Amanhã nós vamos treinar, não vamos? Aí, depois, você vem aqui em casa e fazemos o teste juntos.

Essa sugestão fez Giovanni cambaleiar um pouco.

— Eu? Na sua casa? — ele não é muito de ir à casa de amigos.

— Sim! Você nunca veio aqui em casa. É uma ótima oportunidade de você conhecer meu esconderijo.

Vendo que não ouviria um “tudo bem” dele tão cedo, armei uma arapuca.

— Se você não quiser vir, eu entendo... Aqui não é tão luxuoso quanto seu sobrado, os vizinhos não são tão bacanas quanto os seus...

— Ah, nada a ver... Eu não ligo pra isso.

— Então, venha aqui amanhã! Ou vamos ficar sem saber se o Dri é ou não um líquido de condão.

— Tá certo! Amanhã, depois do treino, eu vou com você até sua casa.

Ponto para Adriana! Eu sei como convencê-lo.

— Então, até amanhã! — ele estava sendo possivelmente pressionado pela mãe para desligar.

— Boa noite! E bons sonhos!

— Pra você também! — ele se despediu novamente de uma maneira meio tímida.

10 coisas que posso fazer com o Dri

Fui ao meu quarto, tirei meu caderno da mochila, voltei para sala e, numa folha à parte, comecei a criar ilusões. Pensei nas coisas mais esplêndidas que eu poderia fazer caso meu perfume fosse mágico.

- 01.** Caminhar sobre as águas
- 02.** Voar
- 03.** Respirar embaixo da água
- 04.** Atravessar paredes
- 05.** Teletransportar-me
- 06.** Visitar o futuro
- 07.** Mover objetos com a mente
- 08.** Andar no teto
- 09.** Ir à Lua
- 10.** Faz...

Antes que pudesse escrever o décimo desejo, eu me lembrei de uma importante redação que precisava fazer para o dia seguinte. Fui obrigada a interromper tudo o que estava fazendo para elaborá-la. Destaquei a relação de coisas impossíveis, dobrei o papel em quatro partes, guardei-o no bolso da minha jaqueta jeans e saí em busca da

minha criatividade. Infelizmente, não poderia dormir para que ela se manifestasse.

Cartão de crédito e bacalhau

Pelo brilho nos olhos de Malu, Daniel devia ser como seu cartão de crédito ilimitado. Antes que ela decidisse ir às compras e se atirasse no pescoço dele, resolvi tomar uma atitude e derrubaria de suas mãos. Utilizando as últimas gotas de formosura que ainda tinha, desfilei na frente dos dois e mandei um olá sorridente na direção dele. Para a alegria geral do coração, ele parou o papo com a patricinha e veio falar comigo.

— Dri, hoje à tarde, vou treinar surfe de novo. Não quer assistir?

No momento, um sim reluzente parecia querer explodir dentro da minha garganta, mas lembrei que tinha combinado com Giovanni de treinar ginástica.

— Eu gostaria... E muito! Mas tenho treino hoje também.

— Ah, antes de ir para o seu treino, dê uma passadinha no meu. Uma visitinha bem rápida só para falar um oi.

— Tudo bem! Passo por lá, sim! — essas palavras fizeram brotar uma tenebrosa ira nos olhos de Malu.

Antes de dar às costas, ele fez um último comentário.

— Adorei o seu cheiro...

Malu se levantou irritada e, usando o fato de que golfinhos vivem no mar e se sentem atraídos por outros peixes, sussurrou no meu ouvido um complemento para a frase:

— Cheiro de bacalhau azedo.

O namorado ideal

Depois da aula, incorporei uma velocista para chegar ao consultório da minha mãe antes do horário de almoço. Sem fôlego e

tropeçando nas palavras, perguntei à secretária se a doutora Flávia já havia saído. Como resposta, soube que ela estava atendendo o último paciente da manhã. Ainda tive tempo de ler as revistas.

A que eu mais gosto é a *Teen-Tim por Tim-Tim* que é uma dessas publicações juvenis. Matérias sobre moda, entrevistas com o ídolo pop do momento e informações sobre as complicadas mudanças da puberdade preenchem as quase cinquenta páginas da revista. Particularmente sou fanática pelos testes.

Em algumas edições, são publicados testes bobinhos e, de certo ponto de vista, irracionais como “que animal você seria se tivesse nascido na selva africana?” ou “quanto você valeria se fosse vendida numa feira de Pernambuco?” Mas há alguns que despertam um pouco a curiosidade. O que fiz naquele momento despertou!

Como é o Namorado dos Seus Sonhos?

Todas temos um tipo. Descubra qual é o que mais combina com você!

PERGUNTA 1: O primeiro beijo que seu namorado lhe der deve ser...

A– após ele tê-la conquistado totalmente.

B– logo na primeira vez que você se viram, afinal, para que esperar?

C– quando você quiser, e o coração dele o orientará de quando for a hora certa.

PERGUNTA 2: Se você estiver doente e precisar ir ao médico, você prefere que seu namorado...

A– lhe acompanhe na consulta.

B– fique em casa preparando um delicioso bolo de cenoura.

C– ligue para um médico particular para que ele venha lhe atender em casa.

PERGUNTA 3: Que tipo de presente você gostaria de ganhar do seu namorado no seu aniversário?

A– um buquê de rosas vermelhas e uma caixa de chocolates, à moda antiga.

B– um celular moderno com filmadora e *Bluetooth* integrado que tenha a sua cara.

C– um *vale* para que você possa adquirir todos os seus sonhos de consumo.

PERGUNTA 4: Como deve ser sua aliança de compromisso?

A– simples e casual, prateada, delicada, com o nome dele gravado na sua e o seu nome na dele, mas nada muito emperquitado.

B– tanto faz, não é ela que define o amor que sentimos um pelo outro.

C– de prata pura, original, de altos quilates, de preferência com diamantes reais em volta.

PERGUNTA 5: Quando você estiver em crises de TPM, seu namorado deve...

A– lhe tratar com maior afeto: cafunés delicados e beijinhos carinhosos.

B– sair com os amigos dele e deixar você em paz.

C– lhe oferecer bombons, fazer massagem nos ombros e lhe presentear com um gatinho de estimação.

Se você respondeu mais...

A– **o romântico e apaixonado.** Uma espécie em extinção nos dias de hoje. Se quiser um desses, é melhor correr enquanto ainda há tempo!

B– **o divertido e irresponsável.** Comum hoje em dia, esse tipo é para você que enxerga o namoro como mais um passatempo na sua vida.

C– **o perfeito e ilusório.** Tudo não passa de uma miragem, algo difícilíssimo é existir um garoto assim. Mas se você ainda acredita que poderá encontrar esse *tudo de bom*, saia beijando sapos por aí!

Tudo bem que eu respondi duas questões com a alternativa C, mas as outras três assinali a A. Sei que parece tolice, mas só pelo fato de eu saber qual é o tipo de garoto que faz meu estilo, já me sinto a um passo de encontrar o namorado ideal. Enquanto isso não acontece, almoço com a minha mãe.

Almoço a quilo

Um restaurante self-service. No prato da minha mãe, apenas algumas folhinhas de alface e arroz integral. Talvez a doutora Flávia quisesse se manter em forma, talvez estivesse apenas economizando seu dinheirinho. No meu, arroz à grega, uma pequena porção de feijão bem temperado, um filé de frango grelhado e uma gororoba que nem sabia o que era, mas era bonita.

Sentadas próximas à janela, conversávamos. Ela perguntou das minhas irmãs: se Jennifer estava cuidando bem da casa e se Mirela estava sentindo saudades. Quis saber também como meu pai estava, se ela já havia superado a saída dela de casa. Disse a verdade: ela fazia falta.

Enquanto ela levava uma folha de alface à boca, explicou que faria de tudo para resolver essa situação o mais rápido possível.

Nesse momento eu colocava um pouco da tal gororoba na boca e percebi que, embora de boa aparência, ela não tinha um gosto muito agradável. Meu paladar ficou ferido com o sabor de bacon polvilhado com açúcar e ervilhas ao molho de banana. Aquilo cresceu na minha boca.

Por coincidência, uma novidade parecia crescer na boca da minha mãe e saiu com tudo para fora.

— Marcelo e eu estamos pensando em nos casar.

Não sei o que era pior: ter dentro da boca uma comida nojenta ou ouvir tal absurdo. Juro que senti vontade de vomitar, mas tomei um gole de refrigerante e fui obrigada a engolir aquilo.

O sabor de um beijo

São quatro quarteirões do restaurante até a praia. Talvez essa distância tenha sido a responsável por eu ter perdido boa parte do treino de Daniel. Quando cheguei à praia, ele já saía da água, feliz por ter conseguido pegar a onda mais incrível e animal daquela tarde. E minha ficha de que eu estava estupidamente atrasada para o treino de ginástica caía.

Não ia nem me despedir de ninguém, meu pensamento estava em chegar o mais rápido possível à casa de cultura. Quando as pernas foram correr, porém, uma mão molhada me segurou pelo ombro.

— Aonde você vai com tanta pressa? — Daniel arrasava ao visual surfista.

— Tenho treino de ginástica. Não imaginei que a hora passaria tão rápido. Desculpe por ter perdido seu treino. Tentei chegar mais cedo, mas...

— Dá pra perceber que ultimamente você anda tão agitada, tão estressada.

— É a correria do dia a dia. Sabe como é, né? Escola, ginástica, pais separados, a macacada... — lembrei que ele não sabia de toda aquela história da macaca albina e do perfume mágico, por isso tentei disfarçar. — Digo, as irmãs chatas.

Ele cruzou os braços, o que o deixou aparentemente mais musculoso, e, fazendo-se de doutor sabe-tudo, deu um conselho:

— Acho que você deveria relaxar um pouco. Fazer uma troca de emoções: esquecer tudo o que tá perturbando você e se concentrar em ficar mais contente, fazer coisas mais benéficas ao seu coração. Poderia começar agora.

Dei uma risadinha ingênua.

— Onde é que, numa praia, em menos de dez segundos, poderei encontrar algo relaxante que me apague da memória tudo de ruim que já passei e tô passando e me faça sair dando pulinhos de alegria?

Ele descruzou os braços, sorriu torto e veio se aproximando de mim.

— Que tal nisso?

O beijo me pegou de surpresa. O coração fervilhou e pude sentir cada micropedação. Toda a tensão simplesmente desapareceu, e minha língua experimentava a sensação de ter junto de si os lábios salgadinhos de quem havia acabado de sair do mar.

Perdida no tempo

O ar simplesmente evaporou dos pulmões, mas podia sentir uma das mãos dele me segurar na nuca, enquanto a outra me abraçava na cintura. O nariz de um se encostava à face do outro, esfregando-se com um imenso carinho e afeição. Os lábios estavam delicadamente pressionados. As línguas se perderam no trânsito de salivas.

Minhas mãos ficaram desorientadas. Ao mesmo tempo em que queriam alisar as costas desnudas de Daniel, também estavam loucas para bagunçar o cabelo ainda úmido do surfistinha. Mas elas estavam tão moles de emoção que não tiveram força nem para se apoiarem nos ombros dele.

A Terra voltou milhões de anos e congelou para mim. O beijo me havia feito... me fizera... me fez sentir perdida no tempo. Naquele momento não havia presente, não havia passado, não havia futuro. Fui parar em outra dimensão: uma mais feliz, mais maravilhosa e mais bonita que esta. Talvez por Daniel ser mais feliz, mais maravilhoso e mais bonito do que qualquer outro garoto que eu conheça.

O ardido som de alguma coisa caindo no chão rompeu o clima. Quando consegui me afastar e abrir os olhos, enxerguei, perto de nós, uma ilustre estátua. As pupilas nogueiradas e arregaladas de espanto, prestes a se inundar. Próxima à base, uma bandeja que estava com hambúrguer e refrigerante.

Jamais passou pela cabeça de Malu que, ao levar um lanche para o garoto que vive flertando com ela, poderia encontrá-lo beijando sua arqui-inimiga. Isso fez com que, após a rápida perda de sentidos, ela desse as costas e saísse correndo pela praia. Com um gosto mais do

que especial no paladar, corri na outra direção. Daniel não entendeu nada.

Papo sobre beijo

Ao mesmo tempo em que sentia minha alma flutuar, também me sentia arrasada. É engraçado, mas, embora venha há tempos tentando ficar com Daniel e tenha uma relação não muito amigável com Malu, um aperto chato tomou conta do peito por vê-la mal. Um sentimento de culpa pelo fato de que eu não gostaria de estar no lugar dela.

“Isso passa!”, pensei, ao cruzar a porta do salão de ginástica. Tirando a jaqueta e a legging e jogando-as na arquibancada, vi Giovanni em pé, tentando, com grande sucesso, alcançar o chão com a ponta dos dedos sem dobrar os joelhos.

Aproximei dele para contar as fofocas do dia. Notando minha presença e minha cara de abobalhada, ele iniciou o papo.

— O que aconteceu com você? Você parece meio tonta.

— Acabei de ser beijada!

Mesmo sem dizer uma única palavra, sem fazer um único comentário, soube pela expressão dele que ele precisava saber os detalhes...

— Eu... O Daniel... Ai, a gente estava na praia, dava pra ouvir as ondas do mar, sentir a maresia, o sol na pele... ele chegando de surpresa... Foi *fantabuloso!* — estava realmente desnorreada a ponto de usar esse neologismo sem um pingão de elegância.

Pela cara de Giovanni, ele não estava *tão* feliz *demais* quanto eu. Garanto que se ele fosse uma menina, a essa altura nós estaríamos dando gritinhos e nos abraçando, fazendo planos de como seria meu casamento, contratando o bufê, escolhendo a decoração da igreja e do salão, desenhando meu vestido de noiva e já prometendo a vaga de madrinha de honra à outra.

Mas por ele ter testosterona e tórax reto feito tábua, não entendeu muito bem a parada que rolava entre mim e eu mesma.

— Hum... Você está feliz porque deu o primeiro beijo?

— Não. Esse não foi meu primeiro beijo... Mas foi o mais perfeito!

Os olhos vagando para o nada mostravam que era difícil para Giovanni processar tanta informação.

— Deixe-me ver se entendi... Você já beijou outros garotos? Você nunca me contou isso.

Pelo visto, se tivesse contado, ele só compreenderia no dia das minhas bodas de prata.

— Ah, as fidadas são coisas supérfluas. Exceto quando há alguma especial, como a de hoje, não tem motivo pra ficar falando — poderia ter parado, em vez disso fiz um gracejo. — Você também nunca me contou nenhum dos seus rolos.

Como já era de se esperar, foi só tocar num assunto mais íntimo e Giovanni ficou com as bochechas vermelhas feito pimentão, com o olhar tímido e desconexo procurando formiguinhas no chão e os lábios contraídos, talvez para evitar um inesperado ranger de dentes.

— Ou por acaso você nunca ficou com uma menina?

Essa pergunta foi o fim da picada. Um batimento cardíaco acelerado e um frio na espinha lhe ocorreram. Engolindo a seco e respirando fundo, ele tratou de mudar completamente o tema da conversa, antes que começasse a suar ou que os olhos se enchessem de lágrimas ou que estralasse todos os dedos que tinha nas mãos.

— A-acho que se você quiser treinar s-seu equilíbrio, é melhor aproveitar enquanto a t-trave tá desocupada — falou meio trêmulo e saiu de perto de mim, indo se pendurar na barra fixa.

Dor de joelho

A imagem do beijo me distraiu e na primeira pirueta bati o joelho com tudo. Não sei se o barulho da pancada foi grande, mas a

dor foi. Antes que eu pudesse terminar de expressar meu grito, Giovanni já estava ao meu lado demonstrando preocupação.

— Dri, tudo bem?

— O joelho está doendo *muito* — segurava a parte lesada para diminuir psicologicamente a dor. — No bolsinho da calça deve ter um adesivo analgésico...

— Pode deixar que eu pego!

Ele voou desesperado até a arquibancada e, pegando a primeira calça que viu pela frente, colocou a mão dentro do bolso. Encontrou um pouco de tudo: um cupom fiscal do supermercado de uma compra feita há três meses, um foto três por quatro da minha avó com os óculos tortos, um palito de dente novinho em folha e uma microagenda de telefones. O bolso era pequeno, mas cabia bastante coisa nele; e ando sempre com tudo isso, afinal nunca se sabe quando será útil.

— Não tem nenhum analgésico aqui!

— Tente no bolso da jaqueta! Deve estar em algum lugar. Não saio de casa sem ele.

Realmente estava lá. Foi necessário apenas que ele colocasse três dedos no bolso para achá-lo. Achou, no entanto, algo mais: um papel metalizado de bala de cereja, uma pena de pomba preta e alguns pensamentos... Para ser mais específica, uma lista de pensamentos.

A décima coisa

Giovanni mesmo alisava delicadamente o joelho lesado — não sei se é coisa da cabeça, mas o calor das mãos dele atenuou o incômodo — e colocava o supressor de dor quando comentou:

— Acho que vai ficar roxo por algum tempo.

— Ainda bem que essa é minha cor preferida!

Ajudando-me a ficar de pé, ele mostrou a lista e perguntou:

— Então... Que lista é essa?

Era para ser segredo, mas não adiantava eu tentar esconder nada dele; também não tinha motivos para isso.

— Sei que é uma grande tolice, mas fiquei imaginando quais seriam as coisas mais surpreendentes que eu poderia fazer caso eu estivesse realmente com a poção mágica. Foi só um momento de devaneio... Besteira!

— Não é tanta bobeira assim. As histórias se encaixam. Minhas suspeitas de que seu perfume é mágico são altas também.

— Então vamos logo pra minha casa. Não vai dar pra treinar mais mesmo com o joelho machucado.

Já estava me virando em direção à saída, quando ele me fez outra pergunta.

— Tá, mas por que a décima coisa não tá escrita?

A interrogativa me pegou de surpresa. Os hemisférios do cérebro entraram em conflito. Respondi, portanto, com meias verdades.

— É que... eu lembrei que tinha uma redação para fazer e nem tive tempo de terminar a lista.

Mas não me safei tão fácil.

— Hum... e o que seria essa décima coisa?

Não queria dizer qual era a décima coisa. Não teria importância para ele, a décima coisa. Há nove coisas antes, para que ele precisava saber qual era a décima coisa?

— Acredite, de todas as coisas, é a mais ridícula. Não era digno desperdiçar a tinha da caneta escrevendo.

— Ah, mas agora eu fiquei curioso. O que é? Fala logo!

Estava incomodada. E não era por causa da dor no joelho; era por causa do Giovanni. Ele continuava me espremendo contra a parede para eu lhe contar qual era o desejo tão misterioso. Isso não seria tão irritante se não fosse o fato de que a forma com a qual ele falava me fazia querer revelar o que já estava virando um grande segredo dentro de mim. Eu já mordía a língua para que ela não aumentasse de tamanho e dissesse qual era a décima coisa.

— Vamos embora, vai!

Giovanni me acompanhava, os vestiários eram próximos, mas não me perguntou mais nada. Uma sensação de alívio vigorou no peito: havia conseguido ocultar a décima coisa.

Roteiros de cinema

— O mundo estaria sendo atacado por robôs gigantes de aço inoxidável. Tudo estaria sendo destruído: prédios, pontes, estradas e até mesmo pessoas. Aí, de repente e não mais que de repente, apareceria uma linda e luxuosa limusine branca, *pá*, chegando com todo aquele estilo e todas aquelas rodas, chamando a atenção de todos os que estivessem por perto, fazendo todo mundo parar de fazer o que estava fazendo e o que faria logo em seguida. Então, a porta se abriria severamente, *flash*, e de dentro sairia uma simpática e elegante tubarão fêmea azul-marinho de um metro e meio de comprimento, cabelos laranjas lisos e amarrados no alto da cabeça como que num rabo-de-cavalo e usando roupas do Elvis Presley. Com todo o glamour, ela olharia para a câmera e diria: “Eu sou June, a tubarão chique!” Então ela usaria seus superpoderes para sobrevoar a cidade e derrotar todas as máquinas do mal. Vai dizer que isso não daria um belo curta-metragem ou, talvez, até mesmo um longa de animação?

— Hum... — Giovanni consentiu com um sorriso e um murmúrio.

— Ou senão, imagine só, três mafiosos estariam brincando de um jogo chamado *assassinando a sobremesa*. Aí o primeiro falaria: “Vou pegar uma arma e matar o chocolate branco!” O segundo continuaria: “Vou pegar uma arma e matar o chocolate branco e a bala de canela!” E o terceiro diria: “Vou pegar uma arma e matar o chocolate branco, a bala de canela e a gelatina de framboesa!” Então, uma Estátua da Liberdade bicolor, pode ser cinza e verde mesmo, arrombaria a porta e com a tocha apontando para o terceiro criminoso falaria: “Você perdeu! A gelatina de framboesa já morreu!” Os três se assustariam, colocariam seus disfarces de zelador de escola pública, dedetizador e

motorista de trator, e começariam a desvendar a misteriosa morte da gelatina de framboesa. O que você acha? Não faria sucesso nas telonas?

O garoto mais uma vez apenas ameaçou um sorrisinho sensabor. É comum para alguém que nunca sai do próprio quarto se sentir completamente amedrontado quando vai para a casa de alguém, ainda que se tenha completa intimidade com esse alguém, mas ele poderia relaxar por um momento e prestar atenção nas minhas futilidades que, se um dia eu me tornar uma cineasta e as filmar, com certeza receberão mais indicações ao Oscar do que grandes clássicos do cinema hollywoodiano.

Ao invés disso, ele ficava com a mente perturbada, provavelmente pensando “como será que eu vou me sentir na casa dela?” ou “quando será a hora certa de ir embora?” ou “de que maneira devo agir quando chegar lá?” ou “o que eu faço se sentir vontade de ir ao banheiro?” ou “será que ela tem um pônei cor-de-rosa no quintal?”

Oi

Fui falando sozinha o caminho todo para que não parecêssemos duas múmias que haviam fugido do sarcófago.

A primeira coisa que fiz, ao chegar em casa, foi pegar um copo de água na cozinha. Giovanni ficou na sala, ou melhor, num canto dela, olhando para as paredes e para o teto. O que se passava pela cabeça dele devia ser algo como: “Se eu fitar muito os móveis, ela vai achar que eu estou vendo tudo com olhar de desaprovação; se eu não der nem uma passadinha rápida, nem que seja com o canto dos olhos, ela vai me achar metido demais, a ponto de não querer conhecer as coisas dela; se eu olhar para as paredes e para os tetos, ela vai me achar um menino bastante estranho, e excentricidade é menos grosseira do que arrogância ou soberba.”

A tímida observação fora do comum de Giovanni foi interrompida por alguém que gostaria de ser observada. Uma pessoinha, que de pé era suficiente apenas para alcançar a cintura de

Giovanni, puxou o jeans, para fazê-lo perceber que ela também estava naquela sala. Ao sentir um movimento perto do joelho esquerdo, ele decidiu baixar a vista. Um simples oi foi suficiente para fazer com que os músculos de Giovanni se contraíssem e o pescoço virasse sua cabeça meigamente para o lado.

— Mirela, esse é o Giovanni — falei entre um gole e outro. — Giovanni, essa é a Mirela!

— Oi — ele finalmente arriscou, ganhando a simpatia da garotinha.

Mirela decidiu não mais perturbá-lo. Pegando a boneca de pano que estava perto dos pés de Giovanni, ela veio correndo na minha direção e perguntou:

— Aonde a Jê foi?

— Não sei. Nem sabia que ela tinha saído.

— É. Saiu depois do almoço e ainda não voltou.

— Não se preocupe. Ela deve ter ido à padaria ou à biblioteca... ou à funilaria. Daqui a pouco ela está de volta. Agora por que você não leva o Giovanni para conhecer o nosso quarto?

Ela correu na direção do Giovanni e esticou a mãozinha esquerda. Deixando o estresse um pouco de lado, ele respirou fundo e, com um sorriso estampado nos lábios, deu a mão molhada de suor à minha irmãzinha que o arrastou em disparada até o quarto.

Artefato medieval

— Este é o dito cujo!

Ergui o frasco de perfume, como se estivesse na era medieval, mostrando uma joia rara ao povo.

— E tem cheiro de quê? — um pobre servo, aparentemente da ralé, perguntou.

— Flor de lótus! — respondi com exatidão, cumprindo meu nobre papel de destemida amazona do reino. — Deseja sentir?

— Não. Sou alérgico a essa flor — ele respondeu, rompendo o clima de Idade Média. Não custava nada ele dizer: “Permissão para recusar, *milady*. Há uma intolerância de meu organismo para com a planta em questão.”

Tão transparente

A ansiedade para testar o Dri era muita. A tranquilidade com a qual Mirela brincava com sua boneca me causava inveja. Queria estar calma, mas Giovanni tinha passado o nervosismo dele para mim.

— E então, o que você vai pedir?

Algo em mim dizia não ser a hora certa para fazer a experiência. Vai que não dá certo... Poderia ficar decepcionada no fundo. Vai que dá certo... Poderia ficar assustada por dentro e por fora. Não sei o que seria pior. Talvez eu devesse me preparar para qualquer que fosse o resultado.

— Acho que devemos fazer isso outro dia... Tá muito quente hoje! — juro que tentei arrumar uma desculpinha menos esfarrapada, mas senti uma pontada no estômago que me tirou a concentração.

— Claro! E amanhã também estará muito quente. Semana que vem estará frio demais. Daqui a quinze dias estará ventando bastante. No próximo mês estará chovendo torrencialmente. Cai na real, Dri! Se você ficar adiando, não vai descobrir nunca se seu xará é ou não é mágico.

Costumo dizer que tenho um urubu fêmea morando no meu estômago e que dá sinal de vida quando minhas emoções ficam extrapoladas. As palavras de Giovanni a provocaram ainda mais, e ela bicou estrategicamente a parede do meu estômago, o que me fez xingá-la espontaneamente de...

— *Vlęfilequividan!*

— Eu preferia *abracadabra*.

— Não... É que meu estômago começou a doer. Lembra quando eu contei que parece que vive um urubu fêmea dentro dele?

Ele fez que sim com a cabeça. Ainda assim questionou o que *ve...* *sei lá o quê* tinha a ver. Na verdade nem eu sabia a resposta.

— *Vlefilequinidan* é algo do tipo *filha de uma ave!*... Eu acho.

Concordamos que essa mais nova palavra da língua portuguesa era uma ótima substituta para alguns palavrões grosseiros. Até a anotei num pedaço de papel para não esquecer.

— Urubus à parte, você vai testar o perfume ou não?

— Tá bom, mas o que eu peço? O que eu transformo? O que eu faço?

Como se ele estivesse tentando tirar uma lasca da unha do dedo médio esquerdo com a mão direita, ele pensava. Logo teve uma ideia:

— E se alguma coisa desaparecesse? Não digo *sumir para sempre*, mas talvez ficar transparente. Não seria uma boa forma de testar esse perfume?

Realmente a ideia me agradou. Tirando as tranqueiras do bolso da calça e da jaqueta, coloquei tudo no chão, inclusive a fotografia da minha avó, em cima de um tapetinho empoeirado que já estava no meio do dormitório há anos, sem nunca ter levado um banho.

Segurei o frasco fortemente, como se eu fosse quebrá-lo, para que ele não caísse de minhas mãos. Aproximei das bugigangas. Coloquei o dedo para apertar o spray. Giovanni deu um passo para trás. Olhei para Mirela que continuava brincando com a boneca. Sob os protestos da minha urubu, borrifei um jato da fragrância sobre as quinquilharias, dizendo:

— Fiquem transparentes!

Nada de explosão, fumaça ou estrelinhas brilhando. Tudo parecia normal. Ou um pouco molhado com um perfume de flor de lótus que exalou seu aroma por todo o cômodo, chegando ao nariz de Giovanni que, logo que sentiu o cheiro, começou a espirrar sem parar.

Cria do cabra

Saindo do quarto para tomar algum ar que não estivesse contagiado pelo odor, o garoto foi até a janela da cozinha. Olhou para fora por alguns instantes até se sentir melhor e, por fim, deu meia volta. O giro foi rápido, e o susto foi grande. Assim que ele se virou, deu de cara com meu pai que, pela primeira vez em dias, havia saído da cama.

— Quem és tu?

Um suor frio e uma expressão atemorizada no rosto. Sem voz para responder, Giovanni engoliu a seco. Então, intervim:

— Ele é meu amigo, pai.

— Tu sabes que eu não gosto que venha gente estranha aqui em casa. E se tua mãe estivesse aqui, ela diria o mesmo.

Querendo parecer simpático, Giovanni tomou coragem e abriu a boca grande para contar quem era com maiores detalhes.

— Na verdade além de amigo da Dri desde quando na gente começou a fazer ginástica artística, eu também sou paciente da doutora Flávia. Inclusive foi ela que ajudou a superar os preconceitos por causa do esporte.

Aquele simples resumo avivou a memória do meu pai. *Paciente, preconceito, psicologia...* As palavras iniciadas por p foram uma *praga* que fez o ainda deprimido Roberto concluir que Giovanni era uma *péssima* pessoa.

— Tu por acaso és o piá, cria do cabra safado que levou minha mulher embora? — o sotaque estava mais endiabrado que o normal, os olhos vermelho-escarlates de raiva e bufando como se soltasse fogo pelas narinas de batata e fumaça pelas orelhas de abano.

— Epa! — Mirela exclamou, como se entendesse a gravidade do que acontecia.

Ao invés de ser bem recepcionado com chá de erva-doce e biscoitinhos de polvilho, Giovanni estava sendo recebido com doses de ódio. E pela forma com a qual ele levou as mãos para pressionar a testa, pouco acima da ponte do nariz, era de se suspeitar que uma prima distante da minha urubu houvesse aparecido para visitar a cabeça dele.

Tentei reverter o drama, mas acabei apimentando ainda mais o apogeu da novela mexicana.

— A gente já estava saindo, não é mesmo, Giovan...?

— Tu não vais pra lugar nenhum! E tu, criatura do capeta, é melhor ires embora antes que a mula manque pro teu lado.

Um “tchau, Dri” sussurrado foi o que consegui ouvir de Giovanni segundos antes de ele sair de casa. Meu pedido de desculpas saiu depois que a porta já tinha sido fechada.

— Olha aqui, mocinha, nunca mais quero te ver de papo com esse sujeitinho, entendeste?

Quase matei a menina do olho afogada. Completamente aborrecida, dei as costas para meu pai antes que eu acabasse brigando feio e fui ao meu quarto.

Bati a porta com tudo. Meu coração bateu com a mesma intensidade ao olhar para o lugar onde estava o tapete. Minha vista podia estar comprometida por causa das lágrimas, mas tive certeza do que enxerguei: nada. Minha avó e as demais coisas simplesmente haviam ficado transparentes.

Visita da síndica

Aplausos feitos por apenas uma pessoa. Por um raro instante, chegou a passar pela minha mente que algum ser místico vindo de outra dimensão poderia estar ovacionando meu primeiro ato de magia. Mas não. Alguém do mundo real estava à espera de ser atendido na porta.

Para minha grande surpresa, não era um desses vendedores de livros que passam de casa em casa com os famigerados maletinha e papo furado. Era a síndica do cortiço.

— Boa tarde, queridinha. Seu pai está?

Não sabia que tínhamos tanta intimidade a ponto de ela me chamar de queridinha. Pensei numa outra forma de tratamento para replicá-la; no entanto, foi desnecessário respondê-la. Meu pai, ainda

apresentando estar com o mau humor nordestino, saiu do quarto e ficou cara a cara com a mulher de meia-idade.

— Boa tarde? — foi uma pergunta.

— Boa tarde, Seu Roberto. Será que a gente poderia falar *em particular*? — disparou um raio laser imaginário pelo canto do olho em minha direção, para mostrar que eu era o empecilho para o tal *em particular*.

Fui privada de ouvir a conversa. Não pretendia arredar, mas meu pai me olhou tão torto que eu achei melhor não contrariá-lo.

Sentada na cama, fazia o máximo de silêncio possível, enquanto tentava ouvir por trás da porta, mas só obtive insucesso.

Decidi, portanto, usar o Dri para escutar a conversa. Já sabia que o perfume realmente era mágico e que com somente uma borrifada eu seria capaz ouvir um diálogo entre asiáticos, em tempo real, com um balde de pipoca sabor manteiga no colo.

Levantei para pegar o frasco, mas não lembrava onde o tinha colocado. Sabia que ele não havia saído de dentro daquele quarto, mesmo assim não tinha noção de onde ele pudesse estar. Não estava vendo.

Abri as gavetas da cômoda; espiei debaixo da cama; pulei para ver se não estava em cima do guarda-roupa; olhei pela janela para ver se não estava do lado de fora. Todas as tentativas de busca, entretanto, foram em vão. Não pude localizá-lo.

Então me caiu a ficha: assim como todos os objetos que desapareceram, o Dri também havia ficado transparente. A única forma de achá-lo seria Tateando o chão, pegando no que eu não era capaz de enxergar.

Fiquei de cócoras e, como se brincasse de bafo, o famoso bater figurinhas, estapeei o piso. Passei os dez dedos por toda a região onde estava o tapete como se estivesse tocando piano, mas não encontrei nada que fosse parecido com o frasco de perfume. Era assustador admitir, mas eu havia perdido a poção mágica. E, com isso, havia perdido também todas as chances de realizar meus desejos impossíveis.

Recado a Roberto

De repente, o telefone tocou, mas ninguém mostrou interesse em tirá-lo do gancho. Sendo assim, ainda que temesse levar uma imerecida bronca de meu pai, cruzei a fronteira entre o quarto e a sala.

Para minha surpresa, já não havia mais ninguém na sala de visitas/tevé/jantar — sou chique: tenho um cômodo que vale por três. Havia apenas o telefone tocando insistentemente. Atendi.

— Alô!

— Boa tarde! O senhor Roberto se encontra?

Olhei para os lados, mas não vi nem sua sombra.

— Não. A senhora gostaria de deixar recado?

— Por favor, fale que a Maresia Serviços Cíveis e Industriais precisa entrar em contato urgentemente com ele. Por isso pedimos para que ele telefone o mais rápido possível para o número... — é incrível, mas toda vez que precisamos marcar alguma coisa importante não encontramos papel nem caneta. Por sorte, encontrei um lápis de cor jogado no chão, junto com um embrulho de presente com desenhos de Natal, mas que era branco do outro lado.

Anotei cautelosamente cada dígito. Em seguida, parei para pensar e tirar minhas próprias conclusões sobre o motivo da ligação. Eis que uma lâmpada fluorescente acendeu sobre minha cabeça, e a resposta trouxe consigo uma nova pergunta: “Ele será demitido! Mas por que havia um papel de presente natalino no chão da sala?”

Dinheiro para o aluguel

Mais a noite, quando Mirela já estava dormindo e eu estava debaixo das cobertas, fazendo companhia e a protegendo do bicho-papão, ouvi sons de chaves sacolejando, tal como a porta da frente batendo violentamente. Meu pai voltava para casa trançando as pernas.

— Pai, tudo bem? O que aconteceu? O que a síndica queria?

— Veio cobrar o aluguel... — pausa para um soluço seco e antipático. — Disse que se não pagarmos até amanhã, às 10 horas, ela será obrigada a encaminhar uma ordem de despejo.

Suei frio.

Mais chaves se misturando, e a fechadura girando suavemente. Com um visual chamativo e muita maquiagem, Jennifer também regressava ao doce lar.

— Ahn! — tapou a boca para conter os gritos de susto e. — O que é que vocês fazem acordados a essa hora?

Era tarde, já passava das 2 horas. Contudo, não tínhamos obrigação de responder à pergunta. Ela é quem nos devia respostas.

— O que é que *voce* fazia na rua até essas horas? Como é que você deixa a Mirela sozinha em casa e sai sem avisar para onde vai?

— Sozinha? Eu jamais deixaria a Mirela sozinha. Só sai tranquila porque o pai estava em casa e... — uma parada momentânea no discurso. — Que *droga* de cheiro de cachaça é esse?

Jennifer era uma adolescente prestes a completar 20 anos. Não pensava para falar e, na verdade, usou uma palavra mais obscena no lugar de *droga*.

— Sim, bebi! E daí? — resmungava meu pai em voz alta, mesmo estando envolvido pelo pleno silêncio da madrugada. — A gente corre o risco de ser despejado pela manhã. A não ser que tu tenhas grana pra pagar o aluguel, não tens o direito de dizer nada.

Os olhos de ameixa seca de Jennifer emitiam no olhar uma mescla de desprezo e compaixão. Puxando do bolso um maço de cédulas de dinheiro, levantou-o na altura do nariz de nosso pai e se fez de heroína:

— Será que isso dá? — ambos ficamos com nossas ameixas graúdas, fitando aquela bolada. — E para os que pensam que saí para vadiar... Estava trabalhando!

O dinheiro ajudou muito. Ele garantiu nossa estadia no cortiço por mais um mês. Ainda assim, as preocupações tomavam conta de mim. Principalmente a dúvida: que tipo de emprego a Jennifer tem para

trabalhar no período noturno com roupas e pintura facial que chamavam vivamente a atenção?

Quanto ao recado da Maresia Serviços Cíveis e Industriais, deixei para dar quando o dia amanhecesse, antes de eu sair para ir à escola, assim não teria tempo para ouvir as reclamações e o choramingo do meu pai.

Equação do segundo grau

“B ao quadrado menos 4 vezes A vezes C é igual a...””, pensava, rabiscando com força um círculo contínuo num canto do papel, como se isso fosse me ajudar a encontrar o valor do triangulozinho.

— Com licença! — a turbinada professora de português do ensino médio apareceu na porta da nossa sala, certamente para pedir algum favor. Essa é a marca registrada dela.

— Pois não? — o impaciente professor de matemática interrogava, forçando uma simpatia que ocultava o ódio que sentia por causa da interrupção. Essa é a marca registrada dele.

— Eu poderia dar uma palavrinha com os alunos?

“Não!” era a frase mais longa e amigável que havia na ponta de língua do jovem matemático. Ele, porém, não quis se passar por chato perante a professora mais respeitada daquela escola; por isso, pensando em seu futuro profissional, fez um moderado esforço e agiu calmamente.

— Claro! — respondeu, livrando-se da escuridão da arrogância.

Simple e composta, modesta e discreta, ela ajeitou os óculos que serviam apenas para realçar o verde-claro dos olhos. Feito isso, começou a falar, atraindo a atenção dos meninos da primeira fileira.

— Como todo ano, o pessoal do ensino médio vai apresentar uma peça teatral para arrecadar fundos... — e blá-blá-blá. — Gostaria de saber se algum de vocês gostaria de ajudar com o cenário, afinal de contas, parte da renda será revertida para a sua formatura.

“Aff... Quem é o doido que vai se oferecer para ajudar numa coisa tão chata?”, pensei sem saber que a resposta viria tão rapidamente.

— Eu adoraria! — Daniel exclamou, prova de que, ao mesmo tempo em que um namorado pode ser lindo, também pode ser tolinho.

“De jeito nenhum que levanto a mão!”, pensei novamente.

— Pois eu também adoraria — Malu disse subitamente.

Eu precisava fazer alguma coisa, pois não poderia deixar Malu sozinha com Daniel. Isso nem em sonho!, pois se existe mal com / e mau com u, Malu é uma mistura dos dois.

— Alguém mais? — a professora perguntou pela última vez.

— Eu! — fui obrigada a ceder, agindo com espontaneidade. Talvez essa seja minha marca registrada.

Ela anotou nossos nomes e, toda charmosa, disse que, assim que tivesse alguma tarefa para nós, avisaria. Uma virada de costas que deixou muitos tolinhos babando, e ela saiu da sala.

Ainda desenhando uma bolinha com o grafite, fiquei pensando no possível triângulo amoroso que estava vivendo. Embora Daniel gostasse de mim, e eu, dele, Malu não podia negar que sentia alguma coisa pelo garoto. Com tanta informação sendo processada, a força com a qual eu segurava o lápis aumentou. A ponta quebrou e eu percebi que precisava encontrar uma solução para o delta.

O primeiro desejo

Nem a ginástica artística apagava minha chateação. Então, apareceu Giovanni.

— O que tá incomodando você hoje? Por que essa cara de velório?

Não estava muito a fim de expor meus problemas, mesmo que sendo para meu melhor amigo. Então, inventei outra história, que não deixava de ser verdade.

— Ainda tô sentindo vergonha do que aconteceu ontem. Meu pai...

— Deixe de ser boba! Você não teve culpa. Seu pai só se irritou por causa do que aconteceu entre sua mãe e meu pai. Não tem nada a ver com a gente.

Giovanni tinha razão. Não era por causa da revolta do meu pai que Giovanni e eu deixaríamos de ser amigos.

— Para esquecer isso, por que não realizamos algum de seus desejos hoje?

— Impossível. Sabe quando desejei que todas as coisas ficassem invisíveis? Então, parece que o perfume também ficou transparente, e eu não o acho de maneira nenhuma.

Talvez não entendendo o que eu havia dito ou talvez por pura curiosidade, Giovanni interpelou:

— Qual era o primeiro desejo da lista?

— Por que você quer saber? Não vamos poder realizá-lo mesmo...

Sem dar explicações, ele repetiu a pergunta.

— Qual era o primeiro desejo da lista?

— Bem, não lembro a ordem certa... Se não me engano era caminhar sobre as águas.

— Então, que tal se andássemos sobre as águas hoje a noite mesmo? Topa?

Das duas uma: ou ele não havia passado cotonete nos ouvidos ou estava pirando na maionese.

— Giovanni, isso...

— Topa ou não topa? — parecia um apresentador de televisão.

Antes que eu pudesse responder, Lorena, a professora de ginástica, apareceu.

— Sobre o que vocês estão falando?

— Nada! — precipitei.

Giovanni, possivelmente ainda num delírio profundo, colocou as mãos na cintura, deu um sorrisinho malandro e perguntou à professora:

— Quer caminhar sobre as águas também, Lorena?

Além de tentar me convencer que caminhar sobre as águas é uma coisa possível, ainda convidou outras pessoas para se juntarem nessa maluquice.

Lorena, curiosa, aceitou o convite. E eu, embora soubesse que seria impossível, consenti, fazendo que sim com a cabeça.

Sobre as águas

A Lua apareceu no céu, junto de muitas constelações. Debruçada na janela, tentava identificar qual era a tão especial Cruzeiro do Sul, qual era a tão importante Ursa Maior e qual era a tão brilhante Centauro. Sem muito sucesso, fechei a veneziana e saí de casa pé por pé sem falar com ninguém.

Mesmo sendo de noite, a temperatura continuava alta e era aconchegante caminhar sob a luz das estrelas. Após andar quatro quarteirões, cheguei onde combinei com Giovanni de nos encontrarmos.

O garoto tinha 14 anos, mas com o gel que passou no cabelo, com a estampa arrojada da camiseta azul-marinho e com a corrente que adornava a calça jeans, parecia ter mais.

— Vamos? — a voz era acanhada e ao mesmo tempo audaciosa.

Mesmo que ele tenha ficado vermelho no início, fui enganchada nele até o lugar de destino que eu ainda desconhecia.

— Chegamos!

Olhei para os lados, mas só encontrei um prédio próximo.

— Uma pista de patinação?

Cheguei a pensar que, na verdade, iríamos correr até o canal e cruzar a ponte, assim estaríamos andando *sobre* a água, mas Lorena apareceu na porta do salão e, com um par de calçados especiais nas mãos, berrou para a gente.

— Esta é uma daquelas pistas de patinação no gelo — Giovanni explicava. — E você sabe que nem sempre a água é líquida, não é mesmo? O gelo nada mais é do que água congelada...

Pasma com tamanha criatividade, e feliz que conseguiria de certa forma realizar meu sonho impossível, comecei a sorrir feito boba.

— Vamos! Ou você não quer mais caminhar sobre as águas?

Tornei a segurar seu braço e, lado a lado, fomos rumo à pista de patinação, onde Lorena já se encontrava testando sua estabilidade em conseguir ficar de pé.

Naquela noite, Giovanni me fez sentir uma verdadeira estrela: mais especial do que a constelação Cruzeiro do Sul, com mais importância do que a Ursa Maior e com um brilho maior do que a Centauro.

Não só tive o prazer de caminhar como também deslizei, pulei, perdi o equilíbrio e caí inúmeras vezes. E fiz tudo em cima da água, sem afundar um centímetro sequer.

O pão francês

Não sou de roer unhas. Penso que se as unhas fossem feitas para serem roídas, com certeza receberiam o nome de rapadura. Naquela manhã, porém, não tinha como evitar. Pensar que Malu ia querer vingança — por causa da cena do beijo — me fez triturar as dez rapaduras manuais que estavam eventualmente pintadas de roxo.

— Vou ao banheiro, já volto! — Daniel comunicou assim que afastou os lábios dos meus.

Um minuto sozinha e Malu veio até mim. Com uma antítese caprichada, afirmo que nem tive tempo de sentir o odioso prazer da solidão.

— Quem você tenta enganar, Adriana?

— Como?

— Você fica aí, iludindo o pobre Delfim, quando na verdade gosta daquele outro menino.

Se realmente houvesse infidelidade de minha parte, isso me custaria vários pontos na carteira de feitos morais.

— Que menino? — perguntei confusa na hora, mas logo entendendo o que a Maluza queria dizer. — O Giovanni? Ele é só meu amigo!

— Bem, isso é o que você diz...

Não gostava do que ela insinuava.

— É a verdade! Eu gosto do Delfim! Ele é meu prato principal. O Gi nada mais é do que um... um... — pensava num bom objeto para associá-lo. — Um pedaço de pão francês! Só acompanha.

— E você vai me dizer que não come o acompanhamento? — fez-se de esperta. — Mesmo que realmente só exista amizade entre você e aquele garoto, você nunca leu um romance adolescente? Em todos, o melhor amigo se apaixona pela mocinha e ficam juntos no final.

Se eu tivesse uma metralhadora próxima aos pés, juro que faria uso dela nesse momento. Por sorte, não precisei apelar à violência; Daniel já estava voltando e Malu foi forçada a sair de cena.

O pão francês — parte 2

Após a aula, fui almoçar com minha mãe. Queria contar a ela como havia sido minha noite mágica, a que caminhei sobre as águas. Em resposta, obtive um elogio ao meu amigo.

— O Giovanni realmente é uma graça. É difícil ver meninos como ele nos dias de hoje. Acho que é o sonho de todo pai ter um filho como ele.

— Então por que Marcelo o abandonou?

A pergunta chocou. Não somente a ela, mas a mim também.

— Ora, querida, o Marcelo não o abandonou. Continua sempre marcando presença na vida do Giovanni. É só que não deu mais certo com a Celina...

Aproveitando que falávamos do meu melhor amigo, resolvi desabafar com a psicóloga que estava bem na minha frente.

— Sabe, mãe... Eu não consigo imaginar como seria minha vida hoje se eu não tivesse conhecido o Giovanni.

Um sorrisinho malandro e um olhar meio torto foram lançados em minha direção.

— Hum... Será que alguém está apaixonada?

Não entendo as pessoas. Basta você dizer que gosta de alguém e já fazem caras e bocas.

— O Giovanni e eu? Ah, mãe, fala sério! Não vai rolar, *mesmo*. É como se ele fosse o cavalo, e eu fosse a jumenta. Somos apenas amigos; não somos almas gêmeas.

O meticoloso e engenhoso cérebro viciado em psicologia pensou rápido e logo deu o troco.

— Pois é do cruzamento do cavalo com a jumenta que nasce o burro.

Eu havia levado mais um coice!

Já que não adiantava negar, levantei a mão, pedindo ao garçom para que retirasse o cestinho de pão francês da mesa e trouxesse logo o prato principal.

A mulher que matou os peixes

Passsei em casa só para trocar de roupa, pois tinha que correr até a casa de cultura. Fui com tanta pressa para meu quarto que quase tropecei e bati no aquário de Betto.

— Faz tempo que não brinco com você, não é mesmo?

Dezenas de bolhas se formaram na água.

— Bem, para recompensar, vou trocar a água do seu aquário.

Peguei o hábitat písceo para levá-lo até a pia. O grito de Jennifer me deteve.

— Você tá louca? Desajeitada do jeito que é, vai acabar derrubando o peixe no ralo. Pode deixar que eu mesma troco a água!

Tive que ceder. Uma porque realmente era perigoso eu me inspirar no livro *A Mulher que Matou os Peixes*, da Clarice Lispector, e me tornar a assassina de Betto; outra que eu já estava em cima da hora para ir à ginástica.

A mariposa e o pão francês

Num pulo, fiquei frente a frente com Giovanni.

— Com vontade de voar hoje?

A expressão de quem não havia entendido nada me dominava.

— Ora bolas! Esse não era o segundo desejo da lista?

O levantamento das sobrancelhas e o franzimento da testa indicaram que eu finalmente tinha compreendido o que se passava.

— Quer voar ou não quer?

— Se for de paraquedas ou bungee-jump, minha mãe me mata se eu sair viva. E se for de avião ou helicóptero, sua mãe mata você por gastar tanto dinheiro.

— Não vai gastar um centavo sequer, e nem vamos correr risco de vida. E muito menos precisaremos de cordas, roupas especiais ou meios de transporte aéreos para voarmos. Eu garanto!

Somente a mostra do suspense que ele estaria prestes a fazer já me deixava um tanto curiosa.

— Então, o que vamos fazer? Ou melhor, quando vamos? Eu sei que você não vai me contar o que é, mesmo.

Estava me preparando para ouvir um “hoje à noite”, “amanhã”, “semana que vem”, “qualquer dia desses”...

— Que tal agora?

— Agora?! Mas e o treino?

— Não precisamos sair daqui para voar. Bem, na verdade, precisamos estar aqui para voar.

Baixei os olhos e coloquei a mão no queixo. Num pímba cerebral, quis demonstrar que era esperta suficiente para descobrir o que ele tramava.

— Voar de uma barra para outra, ou da trave ou da mesa até o solo, eu já faço todos os dias. Não seria novidade.

— Jura?! — exclamava ironia. — Eu nem imaginava.

Aquilo me fez juntar os lábios e formar um bico de fúria, uma fúria amável, mas ainda assim fúria.

— Então, o que eu faço? Fecho os olhos e me imagino no ar? — não tinha mais o que pensar.

— Que tal me acompanhar?

Seguí seus passos até um canto da quadra.

— Esse espaço não é exclusivo para quem pratica ginástica de trampolim? Nós, da ginástica artística, podemos ficar aqui?

— Digamos que eu falei com a Lorena e ela conseguiu nos abrir uma rápida exceção.

— Ah, entendi! Voei pra fora dos meus limites. É isso?

Os dentes de Giovanni voltaram para dentro da boca. Aparentemente ele tinha ficado chateado, eu tinha conseguido desvendar o mistério.

— Tudo bem, mais um sonho realizado — fui obrigada a confessar. — Esse não foi tão bom quanto o primeiro, mas...

— Suba na cama elástica!

Aquela ordem foi uma noz bastante dura para os esquinhos que fazem meus neurônios funcionarem.

— Como?

— Aquele que está sentado na beira da cama elástica é o instrutor de ginástica de trampolim. Ele vai nos ajudar a pular.

A cama elástica na verdade era um desses aparelhos destinados ao *Tumbling*. A pista elevada dá impulso aos acrobatas e permite que eles saltem a uma altura maior do que uma tabela de basquetebol. Enquanto eu pulava do lado direito, Giovanni saltava à esquerda. Embora o tempo que eu ficasse no ar não fosse muito longo, foi o suficiente para eu poder sentir na pele como é voar. Eu era uma mariposa, e minha felicidade, o pó encantado que se soltava.

Percebi que Giovanni, no papel de pão francês, seria tão peculiar que teria efeito contrário: ao invés de engordar, deixaria mais leve.

Pensando em alguns casos

A hora do intervalo começou com um nariz se esfregando ao outro. Não demorou a que meu batom rosa-boneca fosse atraído pela manteiga de cacau que Daniel usava nos lábios reidratados. O beijo estava resultando numa mordidinha na orelha, até minha urubu interromper a cena de amor com um ronco antiético.

— Hum... minha pequena canguru está com fome? — por causa dos saltos que dou na ginástica artística, ele me apelidou (carinhosamente) de marsupial.

— Sabe o que é? Você fica me alimentando com seus doces beijos, e minha urubu fica morrendo de ciúmes. Ela também quer ser alimentada.

— E que tal se a gente também der um peixe para ela? Aves geralmente gostam. Você acha que um sanduíche de atum a satisfará?

— Atum tá de bom tamanho.

A fila da cantina não estava muito longa; havia apenas duas pessoas na frente. Daniel aproveitou o tempo de espera para fazer um convite.

— Hoje vou treinar surfe com a galera na praia. Depois da ginástica, você vai ver seu Delfim pegar umas ondas, não vai?

— Eu adoraria! Mas não posso dar certeza. Vai que o Gi quer fazer alguma coisa hoje...

Baixando o olhar e fazendo um movimento com o maxilar como se o estivesse estralando, ele me interrompeu asperamente.

— Gi! Lá vem ele outra vez... Dri, você tá ficando comigo ou com o Giovanni?

— Ah, não vai me dizer que você está com ciúmes...

— E não é pra ficar? É Gi aqui, Gi acolá... Você sempre o põe no topo das preferências.

Talvez não fosse o momento adequado para cantar, mas eu me lembrei perfeitamente da música: “Lá vem o pato, pato aqui, pato

acolá...” Entrementes, também pensei: “Será que eu exalto o Giovanni tanto assim?”

— Deixe de ser bobo! O Giovanni é só meu amigo... Você sabe muito bem que é de você que eu gosto.

— Então me prove indo para o meu treino.

— Vou pensar no seu caso — e fiz um biquinho que abria um leque para muitas interpretações.

Nisso, nossa vez chegou, e a dona da cantina acenou a cabeça em minha direção como se perguntasse o que eu queria.

— Por favor, dois sanduíches de atum — disse segundos antes de me virar para Daniel. — Você paga pra mim hoje?

— Vou pensar no seu caso.

E deu as costas, fazendo com que eu sacrificasse uma nota de 5.

Convite molhado

No salão, Giovanni finalizava sua apresentação nas argolas e recebia meus aplausos.

— Matando moscas, Dri?

Um olhar, uma careta, um sorriso, e ele me perguntou as novidades.

— Pra começar, logo de manhã já briguei com o Daniel... por causa de você.

— Por mim? — os olhos dele podiam ser representados por um o maiúsculo seguido de um o minúsculo, o pescoço deu uma chocalhada. — O que foi que eu fiz que não sei?

— Você não fez nada. O Daniel que ficou paranoico e começou a dizer que dou mais atenção pra você do que pra ele. Quis insinuar que gosto mais de você...

Giovanni estava cabisbaixo, olhando o chão, andando a passos de bicho-preguiça. Ele tentou ocultar sua reação, mesmo assim, pude perceber apenas pelo mínimo levantar do canto da sobrancelha direita que ele esboçou um sorriso ténue.

— Tá rindo de quê? Isso não tem graça!

— Desculpe, mas é que eu acho divertido saber o que os outros dizem da gente. Ou você se incomoda de pensarem que nós dois somos... mais que amigos?

O instinto de cascavel saltou do pescoço dele e veio com intensidade para meus ombros.

— É claro que me incomoda! Onde já se viu... Você e eu juntos? Até parece!

As sobrancelhas baixaram, e o sorriso se fechou.

— Não é por você... É que eu não me sinto confortável sabendo que as pessoas estão espalhando mentiras sobre minha vida.

— Então é melhor se preparar. Quando você se tornar uma ginasta de sucesso, num dia estará saindo com um jogador de futebol; noutro, namorando o presidente. Se bobear, até casam você com o arcebispo!

O que ele dizia, sem dúvida, fazia sentido. Já à porta do vestiário masculino, Giovanni fez uma última pergunta — ou o que ele achou que fosse uma última — antes de entrar:

— Sei que vai soar estranho, mas vamos ao Aquário depois da sua aula?

— Nossa, o que você quer fazer no Aquário?

Ele pensou para responder, e eu logo cortei os pensamentos dele.

— De qualquer forma, não dá. Se eu não aparecer no treino de surfe, nem que seja para falar um oi para o Daniel, ele ficará ainda mais chateado.

— Ah, entendo.

— Mas você pode vir comigo, se quiser!

Ele respondeu sem precisar pensar, cortando de uma vez todos os meus pensamentos.

— Tá ficando doida? Se ele já morre de ciúmes apenas por saber que somos amigos, como acha que reagirá se nos vir juntos?

— Pois agora eu faço questão que você vá! Preciso mostrar pra ele que ele não me intimida. E que se quiser ficar comigo, tem que me aceitar da maneira como sou, e isso inclui meus amigos.

Ele tentou entrar no vestiário sem responder, mas eu o segurei firme no pulso e passei a impressão de que não o deixaria fugir.

— Tudo bem, mas com uma condição...

Eu sabia que lá vinha bomba! Automaticamente, soltei o pulso dele e passei a impressão de que queria que ele fugisse.

— Qual?

— Que você me prometa que vai dar uma escapadinha e me deixar levar você para respirar embaixo da água.

Desafogando os temores, eu me vi obrigada a aceitar.

— Vou tomar uma ducha e ficarei esperando você na arquibancada — ameaçou entrar no vestiário, mas voltou para descartar uma hipótese que me passava pela mente. — Ah, embora eu respire enquanto tomo banho, o que faremos nesta tarde não tem relação com chuveiro.

Desafio de velocidade

Giovanni ficou sentado na arquibancada, enquanto esperava minha aula de ginástica acabar. Embora ele olhasse para as meninas sem piscar, sabia que a atenção não estava voltada para elas. Quando ele congela o olhar, significa que está tramando alguma coisa.

Eu havia pulado muito, mesmo assim continuava com muita energia acumulada e precisava encontrar uma forma de gastá-las. Por isso, cheguei até ele, sugerindo:

— Vamos apostar uma corrida até a praia?

— Ah, não é justo. Você ainda está com o corpo quente. Eu já tomei banho e troquei de roupa. Não vou conseguir correr mais rápido que você.

— Tá com medo de perder pra mim?

Ele estralou três dedos da mão direita antes de se levantar e me encarar com um sorriso no canto da boca.

— Corro só com uma condição.

— Qual?

— Que eu possa... — e, descendo da arquibancada, desembestou a correr na direção da saída — ter alguns metros de vantagem.

Vale-aula

— Ganhei! — gritei, levantando os braços. — Que coisa feia, hein, Gi?! Mesmo saindo na frente você não conseguiu chegar em primeiro.

— Queria ver você chegar à frente se estivesse de jeans.

Eu sorria por vê-lo agachado com as mãos no joelho, tentando recuperar o fôlego. Movi o olhar um pouco para o lado e notei que Daniel já estava dentro de uma onda.

— É, acho que vou ter que esperá-lo sair.

Giovanni aproveitou a oportunidade.

— Ótimo! Então podemos ir ao Aquário enquanto isso.

— O que tanto você quer fazer no Aquário?

— Eu já disse: respirar embaixo da água.

Ele de fato havia dito uma coisa e outra, mas eu não juntei as duas. Agora que ele fez isso por mim, fiquei assustada. Aparentemente ele queria entrar escondido no lugar por onde colocam os peixes. Isso, além de ser proibido, é muito perigoso. Nós poderíamos não conseguir sair.

— Olhe, Gi, dessa eu me recuso a participar. Onde é que já se viu se infiltrar num aquário. É proibido...

— Como você é boba! — ninguém faz ideia de como eu *adoro* esses adjetivos que ele usa para me descrever. — Eu estou falando disso.

Mostrou dois pedaços de papel. Pude ler que em cada um deles estava escrito em letras caprichadas: “Vale uma aula grátis de mergulho!”

— Onde você conseguiu isso?

— Já ouviu falar na Rádio Baleia Orca?

Apenas pelo slogan “Rádio Baleia Orca: você é o parafuso, nós somos a porca” dá para concluir o estilo de música a que essa emissora se dedica.

— Desde quando você ouve música brega?

— Na verdade quem ganhou os convites foi a Lorena. Acontece que ela é hidrofóbica, fica apavorada com água. Sempre diz que se gostasse de água, fazia natação. Por isso decidi me dar os convites de presente.

Ele trocou mexericas por tangerinas.

— Desde quando a Lorena ouve música brega?

— Lorena sempre diz que ela é eclética para a música... Se um dia ela começar a cantar “Seu delegado, prenda o Tadeu”, é melhor não achar estranho.

Inspiração (e também expiração)

O Aquário era um grande reservatório com água e muitos peixes de todos os tipos, formatos e tamanhos. Apenas os trabalhadores de lá e os especialistas em peixes saberiam reconhecer cada espécie sem dor de cabeça.

Próximo à saída, havia um professor de mergulho. Assim que lhe entregamos os vales, o rapaz nos ajudou a colocar a roupa apropriada, explicando os procedimentos e os cuidados que deveríamos tomar quando estivéssemos dentro do aquário. Eu estava um bocado nervosa, por isso deixei Giovanni ser o primeiro.

Fui logo atrás dele. O coração disparado e minha urubu descoordenada por ver tantos peixes. Isso me lembrou de mais uma

ironia do destino: enquanto Daniel não é capaz de me pagar um sanduíche de atum, Giovanni me leva para conhecer peixes de verdade.

Num tchibum, estava imersa. Os cabelos eram levados — e lavados — pela água, e uma raia apareceu para eu fazer carinho. Olhei para Giovanni a ponto de vê-lo pegar uma pérola de uma ostra que havia acabado de abrir.

Estava tão emocionada que havia me esquecido de respirar. Quando senti que precisava colocar ar nos pulmões, suguei o bocal que estava interligado ao balão de oxigênio, soltando em seguida o ar pelo nariz. Fiz isso repetidas vezes e simplesmente estava respirando, mesmo que submersa.

Na saída, Giovanni entregou a pérola ao instrutor que subitamente fechou a mão do garoto.

— Já temos dessas aqui. Foi você que a encontrou. Por que não a dá à sua namorada?

Percebi que não adiantava relutar. Se quisessem insinuar coisas sobre mim e Giovanni, que insinuassem!

— Obrigada, Gi — peguei a pérola da mão do pobre garoto que havia ficado com as bochechas rosadas depois do comentário do professor.

Crise no namoro

Atravessando a avenida para voltar à praia, comecei a pensar em voz alta.

— Tá aí uma coisa que ainda não entendi: se a Lorena tem tanto medo de água, por que se inscreveu na promoção?

— Ela diz que esse é o jeito dela: sendo promoção, não importa o prêmio, ela tá dentro!

De volta à praia, encontramos Daniel e Malu num quiosque. Ele estava sentado, olhando para a avenida, enquanto ela comprava uma latinha de refrigerante. Assim que me viu, ele levantou rapidamente,

veio até mim e me chamou num canto para uma conversa em particular.

— Você é muito cara de pau mesmo, hein, Adriana?

— Quê?!

— Eu peço para você provar que gosta de mim e não sente nada pelo seu amigo, mas você faz questão de trazer o cara aqui só para me provocar, não é mesmo?

Eu dei a resposta como achei que deveria.

— Você me pediu para vir, e eu vim. E trouxe o Gi comigo justamente para você entender que, se quiser continuar comigo, tem que largar seu machismo e aceitar minhas amizades.

Ele não disse nada, apenas deu as costas e saiu. Quando virei, fiquei surpresa ao ver Giovanni tomando guaraná num canudinho paralelo ao de Malu.

Passeio de iate

Pelo que minha mãe me contou, a intenção de Marcelo era fazer surpresa; por isso, planejou com delicadeza cada mínimo detalhe. Entrou em contato com uma microempresa de aluguel de embarcações; assinou um contrato extenso, seguido da entrega de uma bolada em reais ao responsável pela locadora. Então levou minha mãe para uma volta de iate — coisa que ela jamais faria se ainda estivesse com meu pai.

Ela ignorou todas as regalias daquele veículo luxuoso e foi se debruçar na proa, onde podia olhar sorridentemente as ondulações formadas pelos movimentos do barco. Imaginava vários golfinhos pulando à sua frente, enquanto sentia o vento brincar com seu cabelo atualmente longo. Marcelo se aproximou quietinho e manso, abraçando-a por trás. Apaixonadamente, sussurrou-lhe ao pé do ouvido:

— Preciso lhe perguntar uma coisa. Vou esperar você na margem da piscina, tudo bem?

Aquilo atiçou freneticamente o ânimo da minha mãe. Contente e vibrante, pressupunha que Marcelo queria lhe fazer um convite inesperado... Sabia que seria naquele momento que ele a pediria em casamento. E como intuição feminina geralmente não falha, foi rápida e rasteira até seu futuro marido.

Marcelo brincava com os dedos e balançava a perna involuntariamente. Um sinal de timidez podia ser notado no experiente arquiteto, o que fez minha mãe perceber de quem é que Giovanni havia herdado o jeito de ser. As palavras de Marcelo pareciam estar agarradas à úvula e apresentavam dificuldade para sair.

— Já faz tempo que estou para lhe pedir isso, mas não encontrava uma boa oportunidade...

O coração de minha mãe se enchia de alegria.

— Acho que aqui, em alto-mar, à borda dessa piscina, é o lugar adequado.

A certeza só ia aumentando.

— Flávia...

O próprio nome nunca havia lhe soado tão belo.

— ... quer...

O verbo perfeito!

— ... ir à chácara do meu irmão comigo?

Se ela tivesse um pingo a menos de ética e uma gota a mais de coragem, empurraria Marcelo para dentro da piscina naquele mesmo instante. Mas se conteve e apenas consentiu, forçando um riso.

— Então, gostaria de aproveitar e lhe pedir mais uma coisa: você poderia convencer o Giovanni a vir com a gente?

Marcelo pedia demais; só não a pedia em casamento. E ainda assim, minha mãe se esforçava para realizar todos os desejos dele — coisa que jamais faria se ainda estivesse com meu pai.

Loira *versus* morena

A campainha tocou, e não eram nem 14 horas. Celina estava sentada no sofá da sala, assistindo ao programa de entrevistas com celebridades, enquanto seu estômago fazia a digestão do bife acebolado recém-almoçado. Diminuí o volume da televisão e fui atender a porta. Deu de cara com minha mãe.

Close na expressão de ira mesclada com mal-estar na face de Celina. À sua frente, tirando os óculos de sol, vestígio que restou da viagem de iate, minha mãe foi a primeira a colocar as cordas vocais para trabalhar:

— Posso falar com o Giovanni?

A vontade de Celina foi ter batido a porta bem na cara de minha mãe, mas ela se controlou e deu o primeiro golpe.

— Agora você está atendendo em domicílio também?

Minha mãe respirou fundo e manteve a calma.

— Na verdade, vim fazer um convite em nome do pai dele.

Celina estava disposta a mandar um cruzado.

— O próprio Marcelo não poderia ter vindo? Ou será que depois, que ele ficou com você, perdeu a pose de machão e está com medo de mim?

Minha mãe, mais uma vez, levou as luvas simbólicas ao rosto e preferiu apenas se defender.

— Acontece que, como sou a psicóloga do Giovanni, ele achou que eu teria mais facilidade para conversar com seu filho.

— Repito a pergunta: então, agora você está atendendo em domicílio também? Porque, se você resolver cobrar essa hora extra, eu não vou pôr a mão no bolso.

Dessa vez, minha mãe não se segurou e mandou um de direita, seguido de um de esquerda e finalizado com um *upper*, usando o artifício da ironia.

— Desculpe, *querida*, mas você nunca pôs a mão no bolso. Quem paga o plano de saúde, até onde eu sei, é o Marcelo. Ou estou enganada?

Esse supergolpe valeu por todos os que recebeu. Celina, sentindo-se nocauteada, fez sinal de que sua rival poderia entrar e ir até o quarto de Giovanni.

Atendimento em domicílio

— Com licença — minha mãe deu dois toques leves e praticamente inaudíveis na porta antes de entrar.

Giovanni estava sentado em sua cama, um caderno no colo, o qual foi fechado quando a intrusa se aproximou.

— Flá?! O que faz por aqui? Agora você está atendendo em domicílio também?

— Cara, você realmente é filho da sua mãe, hein?!

Ele não entendeu muito bem a comparação. Mesmo assim, minha mãe achou melhor não comentar, mudando espontaneamente de assunto.

— Esse é o seu diár... ou melhor, o caderno onde você expõe seus sentimentos? — mania que o povo tem de dizer que diário é coisa apenas para menina e de ficar utilizando eufemismos para descrever um diário de menino.

— É... Quem sabe minha vida dê um ótimo Memórias Póstumas de Giovanni?, ainda que eu esteja escrevendo enquanto vivo.

— Ah, não seja bobo, Gi. Escrever em diár... em cadernos é ótimo para desabafar os sentimentos reprimidos, e sua vida é realmente fantástica. Mas não pense nela agora como uma memória. Você ainda vai viver muito, garoto!

Ele exibiu os dentes naturalmente bem alinhados. Minha mãe aproveitou a simpatia do garoto para lhe fazer o convite.

— Que tal se você escrevesse uma nova aventura nesse seu caderno? Uma que você poderia viver amanhã!

— E que aventura seria essa? A degustação da macarronada à bolonhesa da minha mãe?

— Aí é você que escolhe. Você pode comer mais uma vez a mesma macarronada de domingo ou viajar com seu pai e comigo. Vamos à casa de campo do seu tio Sérgio. E então? Não é bem mais divertido?

Ele não tinha nada contra seu tio Sérgio, mas tinha contra passar o dia todo na casa dele. Fazia anos que não via o tio e nem tinha clima para conversar com ele.

— Sabe... Eu realmente gosto de macarronada à bolonhesa.

— Ah, Gi! Você nem saiu com seu pai hoje. Lembre que você tem direito de passar os fins de semana com ele. Não adoraria aproveitar essa oportunidade?

— Eu gosto de ficar com meu pai... aos sábados! Domingo é um dia bom para descansar, se preparar para a segunda-feira que está por vir. Eu prefiro mesmo passar os domingos em casa.

Então minha mãe usou a última carta que tinha na manga.

— Ah, que pena! Tudo bem, então. Vou falar para o seu pai que você não vai. E também pra Dri. Ela já estava toda feliz, arrumando as malas.

As pernas foram imediatamente descruzadas, e o tom da voz dele ficou mais entusiasmado.

— A Dri vai?

— Iria, mas como você não vai, acho pouco provável que ela queira ir.

Dois segundos e meio foram necessários para Giovanni voltar atrás e berrar:

— Mãe, passarei o dia com o papai amanhã.

Trabalho feito, minha mãe voltou para o carro, onde Marcelo a esperava.

— E, então, querida, conseguiu convencê-lo?

— Claro! — uma breve pausa. — Eu posso levar minha filha junto, né?

Minha mãe me ligou assim que chegou ao apartamento do (ainda) namorado. Cansada dos patéticos domingos, não precisei nem ser convencida; topei no ato.

Na chácara, novidades

Litros de gasolina queimados e adentramos o interior do estado. Árvores à esquerda, árvores à direita e uma estrada de terra. Havíamos saído bem cedinho, por isso não era nem 9 horas quando cruzamos a porteira da chácara do Sérgio.

O sol numa temperatura altíssima. Enquanto Marcelo matava a saudade do irmão e apresentava sua nova namorada, Giovanni e eu fomos até o quarto de hóspedes para deixarmos nossas coisas.

— Uau, e eu achando que era lá no litoral que o calor morava — disse, tirando o cabelo que caía na testa suada.

— Isso me deu uma ideia! Você trouxe roupa de banho, não é?

— Trouxe, sim. Mas, pelo que vejo, seu tio não tem piscina aqui, né?

— Mesmo assim, coloque — ele respondeu entusiasmado.

Ou aquilo era um surto, ou os hormônios o estavam deixando com vontade de me ver de biquíni?

— Mas pra quê?

— Confie em mim. Coloque e me siga. Vamos atravessar algumas paredes hoje.

Mal terminou a frase e saiu do quarto, deixando-me na privacidade para trocar de roupa.

Ideias atravessadas

Saindo do quarto, vi que ele também já havia se trocado: sem camiseta, ele vestia um short preto com uma pequena chama estampada do lado direito, além da corrente prateada no pescoço que causava contraste na pulseira de silicone no pulso esquerdo. Ainda que morássemos numa cidade praiana, aquela era a primeira vez que eu o via trajado daquela maneira.

— Preparada para uma caminhada?

— Adianta falar que não?

Com um gesto de “me siga”, ele saiu da casa de campo e foi em direção a uma trilha no meio do mato.

Andamos cerca de cinco minutos até que ele aprontou mais uma.

— A partir daqui, quero que você feche os olhos.

— Como eu vou andar no caminho certo se eu fizer isso?

— Não se preocupe que eu a guiarei.

Muito obediente, fechei os olhos e prometi que não os abriria até ele mandar. Para evitar tropeços ou desvio da rota, fui logo atrás dele, segurando-o no ombro.

— Ui, sua mão tá gelada.

— Estou num lugar que nunca estive, sendo levada para um lugar que nem imagino o que seja. Acho que mão gelada é o sinal mínimo de nervosismo que eu poderia ter.

Ele riu, compreendendo. Saiu andando em linhas retas a passos curtos para que eu pudesse acompanhá-lo. Não demorou muito até que começássemos a fazer alguma curvas, e eu ter a impressão de que estávamos indo longe demais.

Antes que eu pudesse me preocupar, uma parada repentina e uma ordem me fizeram ver onde é que eu me encontrava.

— Abra os olhos!

— Uma cachoeira. Que linda!

— Sim, e você sabe que uma cachoeira nada mais é do que uma parede de água, não sabe?

Eu entendi o que ele estava me propondo, mas medrei.

— Você não está querendo que eu cruze essa catarata, não é? Os únicos lugares com água que tenho coragem de entrar são o mar e a piscina. E, às vezes, quando ao lado de certo amigo muito criativo e meio biruta, um aquário. Mas uma queda-d’água nem pensar!

— E se certo amigo muito criativo e meio biruta lhe convidar para entrar com ele porque garante que nada vai acontecer. Você confiaria nele?

Não precisei nem responder. Segurei na mão dele e, com o coração acelerado, eu me atrevi a chegar perto da cachoeira. A água que caía de mais de dois metros de altura batia nas pedras logo abaixo e espirravam, molhando nossas barrigas e nos refrescando do calor insuportável que fazia.

— No três. Tudo bem?

Eu balancei a cabeça positivamente.

— Um...

Apertei a mão dele.

— Dois...

Respirei fundo.

— Três!

Pintura rupestre

Fechei as pálpebras, e atravessamos, no mesmo instante, aquela parede líquida. Ao abrir os olhos, levei uma surpresa ao perceber que estava em uma caverna oculta e subterrânea.

— Isso... é... magnífico! Eu jurava que isso só existisse em desenhos animados e histórias de ficção.

— Pois isto é real. Tão real quanto... — a respiração dele estava rápida — você e eu.

Eu dei um giro de 360° e vi todas as rochas que formavam a caverna. Vi também alguns desenhos feitos com pedra em uma delas.

— Aqueles desenhos... foi você que fez?

— Nossa! Devo ter rabiscado isso aí na última vez que vim para cá, ou seja, quando eu tinha no máximo uns 8 anos.

Aproximamos para ver. Ele começava a lembrar e contar o passado.

— Esse cachorro, na verdade, é cachorra. Desenhei porque, quer queira quer não, a Amaia representa algo muito importante na minha vida.

— E essa mulher?

— É a sua mãe. Perceba que ela está com um caderninho de anotações na mão. Não pude deixar de desenhá-la, afinal, ela tem extrema importância para mim.

Havia outro desenho ao lado. Era um grande coração e, dentro, duas pessoas desenhadas: um menino e uma menina. Ao lado, estava escrito: “Gi e...” O musgo que nascera por causa da umidade tapava o outro nome.

— Oh, que fofo! Quem é a garota?

Ele ficou com o humor alterado, meio sem graça e bastante tímido. Dava para notar no olhar que ele estava com vergonha de responder.

— E-eu não lembro — gaguejava.

— Como não lembra? Você só desenhou coisas que são importantes para você. Se essa garota foi desenhada, com certeza significa alguma coisa.

— Eu já disse que não lembro — ele se exaltou, o que não era muito comum. — Ela pode até ter significado alguma coisa... no passado. Mas já devo tê-la esquecido. Digo, já a esqueci!

Tive, então, uma ideia: arrancar o musgo para saber qual era o nome da esquecida. No entanto, antes que eu pudesse colocar a mão no nojento vegetal, Giovanni me segurou.

— Não faça isso. Musgos são traiçoeiros. Você pode acabar se machucando.

Ele tinha razão, e eu decidi ouvi-lo mais uma vez, ainda que isso fosse me deixar numa incessante curiosidade.

— Vamos voltar ou você quer ficar mais um pouco aqui na caverna?

— Acho melhor voltar. Minha urubu já está me avisando que está perto do horário do almoço.

Quando estávamos saindo da caverna...

— Sorriam!

Minha mãe estava à espreita, pronta para tirar uma fotografia e registrar aquele momento.

— Céus! Esqueci o protetor solar.

Voltou correndo com a câmera. Agora sei de quem herdei meu gênio atrapalhado.

Garganta e fogo

Para ficar mais divertido, demos início ao caminho de volta imitando os animais. Ele deu os primeiros passos pulando como macaco; eu saltitei como uma gazela; ele cambaleou como um pinguim; eu engatinhei como uma tigresa...

— E o gavião começa a sobrevoar seu território — ele abria os braços como se fosse uma ave de rapina.

— E uma bondosa chinchila está passando por perto — eu me agachava como se fosse um animal pequeno.

— Então o gavião localiza sua presa e parte para o ataque — ele se jogou para cima de mim.

Ambos fomos ao chão, caindo na risada. Eu fiquei toda estirada naquela grama, e ele estava sobre mim. Um momento inusitado: minha garganta estava seca, e o fogo no short do Giovanni, molhado. Minha cabeça bem de frente com a dele. Eu podia sentir a expiração dele saindo pelo nariz, e talvez ele sentisse meu hálito da boca entreaberta. Os olhares cruzados, e meus lábios perceberam que aquele era o momento perfeito para eles entrarem em ação.

— E a indefesa chinchila mostra-se não tão indefesa assim e resolve contra-atacar — usei minha lábia para esquivar e minha força para fazê-lo rolar e sair de cima de mim.

Ele tentou continuar com a brincadeira:

— Mas a não tão indefesa chinchila não está preparada para enfrentar um temível caçador.

— Ei, caçador não é bicho!

— E sua chinchila mutante também não deve ser.

Rindo, a brincadeira parou. Depois do almoço, fomos colher algumas frutas no pomar e alimentar as galinhas. Quando já estava quase anoitecendo, voltamos para casa. Na viagem de volta, com

exceção de Marcelo, que era o motorista, todos pegamos no sono e tiramos um bom cochilo de três horas.

Intercâmbios

Depois de mais uma aula fatigante, fui falar com Giovanni que me assistia da arquibancada, como sempre. Recebi, logo de cara, um convite.

— Dri, eu sei que é segunda-feira e está em cima da hora, mas vamos ao cinema?

Eu nunca havia sido convidada pelo Giovanni para ir ao cinema... Nem por Giovanni, nem por qualquer menino.

— Ao cinema? Para ver que filme?

— Eu estava pensando em Intercâmbios.

Intercâmbios era um filme de comédia romântica, daquelas historinhas bem água com açúcar, que nos faz derramar água com sal dos olhos.

— É aquele filme onde o homem é um executivo que viaja o mundo todo a trabalho, mas é só quando ele chega ao país onde encontra sua alma gêmea que percebe que o intercâmbio vale a pena. Não é?

— Esse mesmo! Você já assistiu?

— Não. Mas adoraria ir. Estou louca para ver esse filme.

Menti. O filme, eu realmente não tinha assistido, mas tampouco tinha interesse em assistir. Mas, se o Giovanni queria tanto, não custava fazer companhia a ele.

A caminho da bilheteria

Na fila, dava para notar o nervosismo do garoto. Provavelmente aquela fosse a primeira vez que ele ia ao cinema acompanhado de uma garota.

Enquanto tremelicava as pernas, talvez seus pensamentos estivessem focalizando as mais comuns interrogativas: “em que poltrona deverei me sentar?”, “devo ficar à direita ou à esquerda da Dri?”, “conversarei com ela ou tenho que ficar mudo durante toda a sessão?”, “e se eu me afogar com a casquinha da pipoca?”, “o que as pessoas pensariam se me vissem com ela?”

Continuou tenso até ficarmos cara a cara com a mulher da bilheteria. Ela sorriu para ele; ele baixou a cabeça e, abrindo a mão, só teve coragem de falar para mim com a voz fininha:

— Você compra os ingressos? — e me entregou uma nota de 20.

Intercâmbios

Uma passadinha na lanchonete, e entramos com um balde de pipoca e uma latinha de refrigerante cada. Giovanni arcou com todas as despesas, não me deixou pôr as mãos no bolso. Se bem que, mesmo que eu as colocasse, não sei se encontraria alguma coisa.

Foi no meio do cinema que nos sentamos. Foi no meio do filme que Giovanni, calado até o momento, falou:

— Pronta para se teletransportar?

— Como? — não esperava por isso.

Ele apontou para o telão e explicou aos sussurros:

— Imagine-se no lugar do protagonista. Centralize sua atenção nele. Agora, você tá nos Estados Unidos, não é mesmo? — o homem do filme estava prestes a ir ao aeroporto para fazer sua primeira viagem. — Feche os olhos!

— Mas pra quê? Primeiro você me convida para vir ao cinema e agora não quer que eu veja o filme?!

— Apenas feche os olhos.

Eu obedeci, e ele me orientava ao pé do ouvido:

— Concentração para o teletransporte... — só faltou cantarolar uma musiqueta de filmes de ficção científica. — Pode abrir agora!

Quando enxerguei o telão, já *estava* na França. Mais uns cinco minutinhos, e novamente o pedido:

— Feche os olhos!

Assim o fiz e quando os abri *estava* no Japão. O filme mostrava diversos pontos de cada localidade, e eu estava conhecendo um pouco de cada país. Depois, *fui* para a Índia, para o México, para a Rússia, para a Argentina e finalmente cheguei ao Brasil. A mulher que o protagonista acaba conhecendo mora no Brasil.

Quer queira quer não, em menos de meia hora havia viajado o mundo. E, portanto, poderia relaxar e ver o final do filme em paz. Giovanni, que agora demonstrava a sensação de dever cumprido, também.

Mímica e pipoca

O filme já estava nas últimas cenas quando uma briga fez o nova-iorquino se separar da carioca. Ele, no entanto, ainda a amava, por isso, após mil chamadas não atendidas e e-mails não respondidos, ele foi para perto da janela do quarto da moça em pleno dia de chuva. Ela morava no andar superior de um sobrado.

Assim que a moça apareceu na janela, ele não disse uma única palavra, pois sabia que ela não lhe daria ouvidos; contudo, começou a fazer gestos, enquanto uma melodia romântica tocava de fundo.

— O que será que ele está dizendo com aqueles gestos? — perguntei como se fosse uma retórica.

Para minha surpresa, obtive uma resposta.

— Ele deve estar tentando dizer algo do tipo... *Você pode não me ouvir, mas encontro outra maneira de lhe dizer; o mais simples gesto mais que mil palavras pode valer. Junto minhas mãos, formo um coração e, nessa mímica, amo você.*

Eu o via comendo a pipoca, aquele milho rebentado com sabor de isopor. E outras coisas rebentavam dentro de mim: estourava o orgulho por eu ter como amigo alguém que me faz viver momentos

considerados impossíveis; explodia a emoção por conhecer o lado romântico de Giovanni, mais uma de suas qualidades; estilhaçava o bem-estar de desejo realizado por eu ter podido me teletransportar naquela tarde; mas o que realmente rebentava a ponto de machucar a alma e provocar estrondosas feridas foi o peso que me caiu na consciência por ter passado mais uma tarde distante do Daniel.

Mente fresca

O estilo de vida que Marcelo levava era bastante diferente do que o que meu pai podia sonhar em levar. Suas ideias, no entanto, mostraram-se bem parecidas, principalmente quando os dois anunciaram uma importante decisão:

— Vou me tornar escritor!

Na cobertura em frente à praia, minha mãe ficou perplexa; em casa, minhas irmãs e eu também ficamos estáticas. Todas tínhamos também a mesma frase na ponta da língua.

— Acho que isso não é uma boa ideia.

De cá, meu pai se explicou:

— Estou desempregado e, como sei que trabalho hoje em dia não é algo que se encontra ao virar a esquina, pensei em inovar, afinal de contas, para ser escritor posso começar a qualquer instante. Basta ter a mente fresca!

De lá, Marcelo tentou se explicar:

— Cansei de ser arquiteto! Sei que é um ótimo ramo, ainda mais financeiramente, mas acho que chegou a hora de eu me aventurar em novos caminhos.

De cá, eu apontei:

— Mas, pai, você não é nenhum gênio gramatical. Mal conhece o lado da língua que fala.

De lá, minha mãe alertou:

— Você tem um emprego ótimo e sabe que não é nada fácil se tornar um escritor de sucesso nos dias de hoje. O povo brasileiro está

cada vez menos interessado na leitura, mas desejam alucinadamente construir, construir e construir.

De cá, meu pai encontrou uma solução:

— Não é errando que se aprende? Depois de escrever, vou aplicar algumas dicas de revisão, dessas que saem semanalmente no jornal.

De lá, Marcelo uniu o útil ao agradável:

— É por isso que eu vou construir minha carreira como autor de livros sobre arquitetural!

De cá, eu intervim, apontando que, embora toda pessoa tenha a liberdade para escrever, é necessário algum investimento para, quem sabe, a profissão resultar em benefícios futuros. Isso, no entanto, não era problema para meu pai.

— É óbvio que vou investir! Agora mesmo comprei um incenso de hortelã. Basta ter a mente fresca!

De cá, minhas irmãs e eu sorrimos, consentindo; de lá, minha mãe também sorriu. Prova de que as mulheres da família são capazes de incorporar verdadeiras escritoras de fantasia, reinventar uma história e ocultar o desespero dentro de si.

Novo amigo de Malu

Amigo não precisa necessariamente ser uma pessoa de quem você gosta. Patadas daqui, cutucões dali, Malu e eu acabamos nos entendendo em alguns aspectos. Ela me irrita, mesmo assim é o mais perto de amiga (*Homo sapiens* fêmea) que tenho.

Quando ela veio falar comigo, trouxe uma novidade: uma amostra de que amigo não tem nem que ser alguém que você conhece pessoalmente.

— Oi, Adriana! Adivinha quem é meu mais novo amigo virtual.

Fazer jogo de adivinhas era a marca de nascença da Malu. Eu, de bom humor, arrisquei um palpite.

— Um vírus Cavalos de Troia?

— Rá, rá, rá. É assim que você chama o seu amigo Giovanni?

Não acreditei no que estava ouvindo. Além de tentar tirar meu namorado de mim, agora ela quer roubar meu melhor amigo?

— Você acha que o Giovanni realmente vai querer papo com você, sabendo de como é a relação entre nós duas? Acha que ele vai abandonar minha amizade para ficar com a sua? Desculpe dizer, mas você perdeu o seu tempo ao adicioná-lo à sua lista de contatos.

— Pra sua informação, foi ele que me adicionou. Ficamos conversando a noite toda, tanto que quando vi já se passava da meia-noite. Ele é bem legal, mesmo!

Era só o que me faltava! Meu melhor amigo de conversinha com uma garota como a Malu.

— E o que vocês falaram tanto?

— De tudo um pouco: a diferença entre se estudar numa escola pública e numa particular; a descendência italiana dele e a minha espanhola; o fato de sermos filhos únicos, uma coisa em comum entre a gente; e até onde temos marquinhas de nascença.

O Giovanni nunca falou comigo nem sobre manchas ou pintas, por isso fiquei estupefata de ele ter tocado num assunto tão particular, como as marcas de nascença, com alguém que havia acabado de conhecer — e pela internet.

— Adivinha onde ele tem uma marca de nascença em forma de amendoim — Malu me desafiou outra vez.

— Que eu saiba, ele não tem marcas de nascença.

— Tem, sim! Perto do umbigo! Acredite, eu vi pela webcam.

Eu nunca tinha ouvido tamanho absurdo. Não conseguia imaginar um garoto, tímido como o Giovanni é, exibindo seu umbigo para os outros através de uma câmera embutida no laptop.

— Ele me mostrou a dele depois que mostrei meu cacho de uvas na nuca.

Fiquei sem palavras. Não sabia se acreditava, se bem que ela não teria por que mentir.

— Ah! Adivinhe aonde o Gi me convidou pra ir hoje à tarde...

Ela já estava com intimidade suficiente para chamá-lo de Gi, e ele teve até coragem de convidá-la para um lugar especial.

— ...ao treino de ginástica! E eu adoraria ir.

Aparentemente, Malu não tinha como marcas de nascença apenas o cacho de uvas e o gosto pelos jogos de adivinhas; ela também tinha o prazer de me provocar.

A marca de nascença

Além de ser deixada para escanteio, ainda fui encarregada de agir como pombo-correio: a Malu pediu para avisar ao Giovanni que, embora quisesse muito ir ao treino, não poderia, pois tinha hora marcada com o dentista.

Antes de dar o recado, porém, cruzei os braços na frente do Giovanni e fiquei olhando com uma cara fechada.

— Oi, Dri. Qual o problema?

Sem dar tempo para escapatória, levantei a camiseta do garoto. Era verdade: ele tinha uma marca de nascença próxima do umbigo. Eu me senti mal, pois sou amiga dele há tantos anos e nunca tinha me dado ao trabalho de reparar no tal detalhe.

— Ei, que é isso?

— Então é verdade. Você agora virou amiguinho da Malu.

— Precisava quase me deixar pelado em público para descobrir isso? Não bastava me perguntar?

Já estava acostumada com o modo hiperbólico dele, portanto nem liguei para o drama que ele fazia.

— Você sabe que eu não suporto a Malu e, mesmo assim, faz amizade com ela. Grande amigo você, hein?!

— Nossa! Como eu sou malvado — em tom de ironia. — Qual é o problema em falar com a Malu? Vai que, graças a mim, vocês acabam se entendendo.

Ao mesmo tempo em que admiro, tenho raiva do Giovanni quando ele pensa ser a versão humana da Organização das Nações Unidas e tenta pacificar duas pessoas que estão em fase de guerra.

— Garanto que fazer a Malu e eu sermos boazinhas uma com a outra é uma coisa que você não vai conseguir nem se virar uma divindade. Por falar na chata, ela pediu para dizer que não vem pro treino porque tem consulta com o dentista.

— Que pena e que ótimo!

— Como assim? Você está triste e feliz ao mesmo tempo?

Estávamos ao lado da arquibancada. Ele, então, abriu sua mochila e tirou, de dentro, um convite de aniversário.

— Pena porque ela não assistirá a meu último treino. Ótimo porque não precisaremos convidá-la para a festa de 14 anos e meio da minha prima.

— Festa de 14 anos e meio?

— Sim, é hoje. Na verdade, é uma pré-festa de debutante. É estranho fazer pré-festas de aniversário, ainda mais em dias úteis, mas acontece que o salão que ela alugou era mais barato às terças-feiras.

Essa era a prova de que a prima de Giovanni também tinha um quê de maluquete.

Acabei ficando tão focada na festa logo mais à noite que me esqueci de perguntar que papo era aquele de último treino.

A escolha de um presente

Ser convidada a uma pré-festa de debutante e não levar presentes é constrangedor. Por mais que Giovanni dissesse que o presente dele valia por nós dois e que só minha presença já era um agrado, insisti em comprar algo. O problema era que eu não tinha ideia do que comprar

Fui a um cyber com a intenção de pesquisar ideias de presentes, mas porta-banana, xícaras em formato de espiral e espanador de crina de cavalo não era bem o que eu tinha em mente.

Após vasculhar três dezenas de páginas virtuais, percebi que meu tempo para utilização do computador estava se esgotando. A última página que visitei, porém, me mostrou uma luz no fim do túnel, e eu tive que correr para a loja de presentes mais próxima.

Penteado desastrado

Minha mãe era namorada de Marcelo que era o tio da (pré) aniversariante. Assim, fui para a clínica perto do horário de saída com o objetivo de pegar uma carona com a minha mãe até a festa. Antes disso, passamos no apartamento de Marcelo.

Giovanni já estava lá, praticamente pronto, só precisava arrumar o cabelo. Sem ideia de que penteado fazer, ele me deu o gel e o pente e pediu minha ajuda.

Não sabia quão boa eu era como cabeleireira. Para ser sincera, nem a Mirela me deixa arrumar o cabelo dela; é sempre a Jennifer que ajeita os cachinhos da pimpolha. Mesmo assim, decidi mexer no cabelo do meu amigo e senti que fazia alguma coisa errada, pois uma mecha castanha saiu assim que passei o pente.

— Nossa, como seus fios de cabelo estão caindo facilmente!

— Hum... pelo jeito, a queda capilar da Amaia é contagiosa.

Piadas à parte, ele achou melhor deixar o pente e o gel de lado e usar boné. Há tempos não usava.

Uma ida ao futuro

Ao descer, cumprimentamos a pré-aniversariante, e eu lhe dei um abajur em formato de vaquinha, cujas tetas eram os botões de liga e desliga.

Ela agradeceu o carinho e, fazendo sinal para que entrássemos, falou:

— Bem-vindos ao futuro!

Marcelo colocou os óculos escuros e uma tiara de antenas, como se fosse um extraterrestre; minha mãe tirou o sobretudo, exibindo sua roupa prateada e um par de asas; e Giovanni colocou uma máscara com lampadinhas que piscavam e saiu imitando um robô.

— Por que você não me falou que era uma festa à fantasia? Eu sou a única que não tá fantasiada.

— Claro que tá! Você é sua filha, daqui a trinta anos, quando ela for uma adolescente 4L.

Nunca tinha escutado a expressão 4L antes, por isso fiz cara de surpresa ao saber seu significado.

— Loura, linda, legal e louca — Giovanni deu um peteleco na pontinha do meu nariz, como quem diz: “Divirta-se!”, e foi falar com a prima.

Comecei a curtir a festa: o som era legal, a comida era bem apetitosa, e a mesa de doces estava repleta de guloseimas pedindo para serem devoradas. Antes que eu pudesse chegar até ela, no entanto, esbarrei com uma garota.

O cabelo amarelo-laranja-lima contrastava com o rosto que, nem de longe, lembrava um bagaço. Muito bonita e bastante descolada, a camiseta num design nunca visto, revelando o umbigo e uma marquinha ao lado. Também era meio doidinha: usava chifres de *alice do futuro* como fantasia. Imaginei, pela marca de nascença, que aquela era alguma prima do Giovanni (já que ele não tinha irmãs), mesmo assim fiquei abismada ao ver como aquela garota se parecia absolutamente comigo.

— Mãe? — ela ressoou quando me viu, fazendo com que eu quase caísse de costas. Antes que eu pudesse lhe responder algo, porém, ela havia desaparecido entre as milhares de pessoas que chegaram loucas para saborear as deliciosas trufas. Um cheiro de flor de lótus enigmaticamente tomou conta do ambiente.

Um estouro de cenário

O teatro alugado para a apresentação não foi o municipal, mas auditório da casa de cultura, pois os pais apareceriam para a exibição.

Como havíamos dado nossos nomes à professora de português, prometendo que assumiríamos o papel de assistentes de cenografia, Daniel, Malu e eu fomos obrigados a ajudar com o cenário, na parte da tarde.

— Dri, a Malu achou plástico-bolha. Venha logo estourar com a gente!

No palco que precisava ser decorado até o início da noite, vi Malu com vários metros de plástico-bolha, estourando de um lado, enquanto Daniel apertava as bolhinhas de ar na outra ponta. Isso me fez resmungar para mim mesma:

— Que coisa mais...

— Infantil? — a voz ao pé do meu ouvido me fez assustar e, sinceramente, deixou a nuca e os braços arrepiados. — Não diga isso! Eu também gosto de estourar plástico-bolha. É relaxante.

Sorri de orelha a orelha ao dar de cara com a aba de um boné e ver que, logo embaixo, estava Giovanni. A felicidade foi tanta que lhe dei um abraço bem apertado. Não esperava vê-lo naquele dia, e isso me deixou com uma pontinha de saudades.

— O que você faz por aqui? Veio pra aula de ginástica e decidiu dar uma passadinha no auditório antes?

— Não. Eu vim só pra me despedir da Lorena e vi você aqui.

— Peraí, Gil! Despedir da Lorena? Quer dizer, então, que o papo de último treino de ontem é verdade?

Não fazia sentido Giovanni querer sair da ginástica artística depois de tantos anos. Ele lutou tanto para conseguir se matricular no curso, enfrentou todo o tipo de preconceito por causa do esporte, tem se saído bem em todas as aulas e treinos, vem demonstrando esforço e está praticamente apto a participar de competições nacionais.

— Com essa história de inflação e com a desistência do meu pai do ramo da arquitetura, achei que seria melhor poupar dinheiro e decidi

cortar alguns gastos. Bem, a ginástica artística estava na lista de despesas a serem economizadas.

Eu não sabia o que dizer: gostaria de falar que eu pagaria o curso para ele, mas eu não trabalho e o salário da minha mãe mal dá para as minhas mensalidades. Tomei o problema dele, mas não tinha como resolvê-lo.

— Você já tentou falar com a Lorena? Ela é bem compreensiva, talvez até possa dar algum desconto para você nos próximos meses.

— Isso não depende dela, mas da coordenação da casa de cultura. Mas não se preocupe, Dri, pois essa minha saída não é por muito tempo. Em breve, quando tudo se acertar, eu volto a *brilhar* nas argolas.

Quis chamá-lo de convencido, mas ele realmente era o magnífico não só nas argolas como também nos demais aparelhos. Para mim, o Giovanni era muito mais do que o melhor amigo; ele era o melhor ginasta!

— Agora vamos dizer para aqueles dois que o cenário não vai ficar pronto apenas estourando bolhas de ar?

Imprevisto com tintas

Tudo estava ficando muito bonito: a cadeira almofadada, a mesa com toalha branca e vários cálices sobre ela, representando o altar da igreja; os largos bancos feitos improvisadamente com pranchas de surfe enfeitados com tule, simbolizando os assentos para os convidados; as telas, que serviriam como plano de fundo para as cenas, pintadas com tinta específica para artesanato.

— Tem alguma coisa faltando nessa igreja — Malu afirmou, enquanto Daniel dava os retoques finais com tinta azul no que seria a parede da igreja.

— E o que seria? — perguntei, segurando um potinho de guache amarelo aberto, enquanto Giovanni terminava de grudar o tule com fita adesiva.

— Não sei...

Malu punha a mão no queixo para pensar, enquanto andava de um lado para o outro, olhando para cada canto do palco, enquanto eu misturava a tinta com um pincel, e Giovanni, atrás de mim, parecia estar zozzo.

— O tapete vermelho! — Malu lembrou num berro.

Quer por causa do grito da garota, quer por cansaço, Giovanni definitivamente perdeu o equilíbrio e acabou se apoiando em mim, ou melhor, em meu braço direito. Esse braço segurava o pote de tinta que, conseqüentemente, foi com tudo para cima do Daniel, que estava agachado bem à frente.

— Ai, caramba! Como eu sou desastrada!

— Não. A culpa foi minha... — Giovanni tentou me defender, até ser interrompido por Malu.

— Não foi, não, Gi. A Adriana que tem a mão furada mesmo.

Antes que aquilo iniciasse uma longa discussão, Daniel, agindo com sensatez, se levantou e disse:

— Tá tudo bem. Eu só vou lavar e pronto. Não precisam se matar!

Ele foi em direção ao banheiro, tirando a camisa e nos deixando com a deleitosa visão de suas costas quase robustas.

— Dri... — Giovanni pareceu querer dizer alguma coisa, mas usou o mínimo possível de palavras. — Já volto!

Sozinha com Malu, incorporei um tronco de árvore — ela, uma tora de madeira — e começamos a trocar farpas uma com a outra, gerando uma verdadeira conversa de mulher para mulher.

Terapia de relaxamento

Giovanni entrou correndo no banheiro se debruçou na pia. Ergueu a cabeça, respirou fundo e decidiu lavar o rosto para ver se a náusea passava. Daniel, que já secava sua camiseta no secador térmico, não demorou a voltar, já seco e com a camiseta praticamente sem

manchas amarelas, e encontrou Malu e eu no clímax da nossa discussão.

— Você devia ter comprado o celofane — Malu me jogava a culpa de não haver um tapete para a noiva entrar. — O chão que poderia brilhar, enquanto a noiva estivesse entrando, agora vai ficar opaco.

— Quer que eu deixe sua cara opaca também?

— Parem vocês duas! Não percebem que, agindo como duas galinhas de briga, não resolverão suas desavenças? — pela primeira vez, meu namorado dava lição de moral. — Agora, quero que as duas venham até aqui e estourem este plástico-bolha.

Segundo Daniel, estourar bolhas de ar era sem dúvida a melhor terapia para controlar a raiva. Achando tudo aquilo uma idiotice desmedida, dei risada na cara dele, mas ele permaneceu sério, insistindo para que eu aderisse ao método de relaxamento proposto.

Sentei de frente para Malu e, sem olhar para a cara dela, puxei um pedaço do plástico-bolha para perto e apertei a primeira bolhinha. O mínimo estalo só foi capaz de me irritar ainda mais. Estourei mais uma, duas, três bolhas e percebi que aquilo de fato não contribuía em nada para manter minha calma.

Notando que Giovanni voltava do banheiro, não pensei duas vezes; larguei o plástico-bolha, corri na direção dele, o puxei pelo braço e ordenei:

— Vamos comprar celofane!

Em busca do celofane esquecido

Ir a uma papelaria e comprar algumas folhas de papel celofane vermelho era simples, mas gastaria dinheiro; por isso, sugeri que fôssemos até a clínica da minha mãe. Como a maioria dos pacientes da Flá é criança, ela tem um armário cheio de materiais escolares.

Logo no segundo quarteirão, Giovanni se encostou a um poste e disse que precisava tomar fôlego. O boné dele estava molhado de

suor, assim como a testa. Eu tirei o boné dele para que ele pudesse refrescar o couro cabeludo e, para minha surpresa...

— Nossa, Gi, você cortou o cabelo!

— Pois é. E se não corto, estaria suando ainda mais... Acho que desacostumei com o calor. Mas vamos continuar andando, senão não voltaremos a tempo.

Recomeçamos nossa caminhada, eu de olho no Giovanni — algo me dizia que ele não estava passando muito bem. Olhos fechando duros e mãos ventilando o rosto a todo instante, Giovanni chegou inteiro à clínica.

Minha mãe, sem pacientes e parada na porta, discordou do fato de Giovanni chegar *inteiro*, já que a primeira coisa que ele falou ao pôr os pés na sala de espera foi:

— Eu acho que vou vomit... — levou a mão à frente da boca e disparou ao banheiro.

— Será que tá tudo bem com ele?

— Com certeza deve ser alguma coisa que ele comeu — minha mãe respondeu. — Você deveria perguntar se tá tudo bem comigo.

A frase não era um bom sinal, ainda mais de vinda de uma psicóloga.

— O que tá acontecendo de errado?

— É o Marcelo! Já não estou aguentando mais aquele homem. Depois que ele botou na cabeça que quer ser escritor, não faz mais nada a não ser ficar sentado na frente do computador, no quarto dele, o dia todo. O pior de tudo é que, de todas as vezes que fui vê-lo, em nenhuma ele estava trabalhando. Disse que precisava de inspiração, e a buscava com joguinhos da internet.

A conversa foi bruscamente interrompida com a saída do Giovanni do banheiro. Não tive tempo nem de aconselhar, se bem que acho que minha mãe só queria desabafar, não precisava de conselhos.

— Você quer que eu ligue para sua mãe? — Flá, Flávia ou doutora Flávia (não foi possível descobrir qual lado dela falava) perguntou apreensiva.

— Não, não precisa. Foi só um enjojo bobo. Deve ser alguma coisa que comi — reforçou a hipótese da minha mãe.

Giovanni assegurou que estava bem, mesmo assim, minha mãe fez questão de nos levar até a casa de cultura, no carro que ficava à disposição dos médicos da clínica, uma espécie de ambulância em veículo de passeio.

Objetos movidos com a mente

De volta ao auditório, Daniel e Malu já haviam ido embora. A poucos minutos do grande espetáculo, os atores amadores da minha escola faziam o último ensaio, a fim de garantir que tudo correria bem. Coloquei o celofane no chão e saí.

Como não custava nada assistir à peça, Giovanni e eu nos sentamos logo primeira fileira para prestigiar de perto os colegas. O plástico-bolha, esquecido num canto, foi arremessado pela professora, nervosa e com a ansiedade acima do limite, e caiu ao nosso lado. Ficamos os três à espera do início da apresentação.

— Sabe, eu tenho que confessar: estou me sentindo realizada.

— Realizada por ter construído o cenário ou por ter movido objetos com a mente?

— Eu movi objetos com a mente? — dei um pulo da poltrona.

Desde quando Giovanni inventou de me fazer viver todos os meus sonhos malucos, eu fico sabendo quando vou realizá-los antes ou durante o ato, mas, no caso atual, eu não sabia nem o que tinha feito.

— Repare em todas as coisas que você vê no palco: mesa, cadeira, bancos... elas formam uma igreja. E elas não apareceram ali sozinhas. Foi necessário que sua criatividade as colocasse onde estão.

— Isso quer dizer que movi não apenas um objeto, mas toda uma igreja com a mente.

Ele sorriu e acenou positivamente a cabeça. Estiquei o braço na poltrona do lado e puxei o plástico-bolha, colocando-o entre mim e

ele. Enquanto a peça não começava, aproveitamos e voltamos a ser criança.

A primeira crônica

A pilha de pratos e xícaras parecia imitar a Torre de Pisa, tentando manter o equilíbrio em cima da pia, e o piso da cozinha já tinha um carpete natural de poeira. Após o almoço, estava me decidindo entre lavar a louça e varrer o quando meu pai apareceu, trazendo uma folha de caderno nas mãos. Na face, trazia um sorriso.

— Depois de algum tempo escrevendo e reescrevendo, finalmente terminei minha primeira crônica.

Incorporei um paralelepípedo de concreto e fiquei imóvel. Portanto, resolvi mostrar surpresa com um misterioso “Jura?!”

— Eu não sabia muito bem sobre o que escrever. Passei algum tempo coçando a cabeça, mais algum tempo esboçando rascunhos que não rendiam mais que um parágrafo. Nem o incenso de hortelã ajudou. Mas, de repente, vendo o álbum de fotos antigas, olhei pra sua mãe e... — era possível perceber uma lágrima lhe escorrer a face.

— Posso ler?

No mesmo momento, ele esticou o braço e me entregou a folha. A história em si me deu vontade de rir e de chorar e não precisei segurar as emoções, pois se tratava realmente de uma crônica de humor com uma pontinha de drama.

— Tá... — iniciei.

— Horrível?

— Incrível! — terminei, rimando, sinal de que tenho um quê de poetisa.

Meu pai fez cara de tímido, demonstrando ter ficado muito feliz com o comentário, e eu fiquei contente por ter sido a primeira pessoa escolhida para ler... e escalada para fazer as revisões necessárias.

— Nossa! Não sei nem por onde começar — aquele era meu primeiro trabalho como revisora de textos.

— Por que não começa pela louça? Depois puedes tomar conta do chão e, então, do resto.

De novo, senti vontade de rir e chorar, mas dessa vez preferi reprimir os sentimentos.

Depilação axilar

O vestiário feminino sempre foi bem cuidado, com espelhos nítidos, azulejos brilhando e cheiro de pinho. A auxiliar de limpeza mantém o lugar limpo como se aquele fosse o banheiro de sua casa. As usuárias também colaboram, não deixando nada espalhado ou fora do lugar.

Os chuveiros tinham divisórias, o que preservava a intimidade de cada uma e evitava que o chão ficasse totalmente aguacento. Após a rápida ducha de água morna, que serve apenas para tirar o suor e o cansaço, as meninas saíram enroladas em toalhas para se trocarem na frente dos espelhos.

O assunto do dia, enquanto secávamos o cabelo e colocávamos nossa roupa era a depilação. E não era de qualquer tipo; todas estavam preocupadas com suas axilas — Será que eu devo passar a gilete? Laser é melhor que cera quente? Já dá pra notar os pelos crescendo? —, e eu não sabia o motivo de tanto fanatismo narcisista. Mas também não tinha com o que me preocupar: as minhas estavam lisinhas como careca de vovô.

Saía do vestiário, prendendo o cabelo, quando Lorena, sentindo-se mais solta que sabiá fora da gaiola, veio flutuando até mim com um folder na mão, no qual eu pude ler: “1º Festival da Camiseta Sem Manga”.

— Você tá sabendo desse festival que vai ter na cidade?

Começava naquele mesmo dia e se estendia até o fim de semana. Era uma festinha na praia cuja única regra ordenava: “é permitida a entrada somente daqueles que estiverem trajando camiseta ou outra

peça de roupa sem mangas”. Esta foi uma forma que eles encontraram de homenagear o calor do litoral.

A conversa do vestiário enfim fez sentido. Peguei o folder das mãos de Lorena.

Outra ligação

Feito princesa de conto de fadas antes da meia-noite, Jennifer saiu emperiquitada para mais um dia de trabalho. Graças a esse misterioso trabalho, estamos conseguindo nos manter. Mirela ficou brincando com o espanador, como se o espanador fosse um brinquedo.

Como ainda tínhamos linha telefônica, tirei o fone do gancho e, no mesmo momento, disquei o número do celular do Giovanni.

— Dri! — o identificador de chamadas tinha me dedado.

— Eu mesma! Vou fazer um convite e não aceito não como resposta.

Um silêncio do outro lado me fez perceber que ele tinha ficado amedrontado.

— Vamos pro Festival da Camiseta Sem Manga?

— Bem... — o início da frase mostrava que ele não estava com muita vontade. — Acho que não vai dar.

— Por que motivo não daria?

Ele titubeou um pouco, mas logo encontrou uma justificativa.

— Porque eu não tenho nenhuma camiseta sem manga.

A desculpa, pelo menos para mim, não colou.

— Como é que alguém não tem uma camiseta regata? É impossível.

— Ah, mas é uma peça de roupa que eu não uso. Você por acaso tem alguma saia?

Ele havia me pegado! Mas eu tinha como insistir:

— Então a gente passa no shopping antes de ir pro festival.

— Não sei... — ele demonstrava não estar contente.

— Você sabe quando eu ergo meus olhos e faço beicinho, como cachorrinho sem dono? Estou fazendo essa cara agora — ainda fingi duas fungadas para parecer real.

Ouvi uma respiração funda.

— Tá bom, vai. A gente se encontra no shopping?

Mirela, coincidentemente, sacudiu o espanador ao meu lado, como se fosse uma líder de torcida, comemorando uma vitória.

Pegadinha da Mirela

Giovanni estava sentado em um banco de madeira perto da entrada do shopping, de cabeça baixa, a aba do boné cobrindo até a ponte do nariz, mexendo com o zíper do bolso lateral da calça jeans.

Mirela estava comigo e, para brincar com o Giovanni, pedi para que ela corresse até ele e lhe desse oi. A pimpolha deu um pulo, chegou bem pertinho dele e falou:

— Tudo bom com você?

Da porta do shopping deu para notar as bochechas dele se corando quando ele levantou a cabeça, olhou para o lado e, tentando evitar uma gagueira, falou rápido (e sem vírgulas):

— Mirela irmã da Dri né?

Ela sussurrou alguma coisa no ouvido dele, ele deu risada, e eu percebi que já era hora de entrar em cena.

— Posso saber o que é que vocês dois estão falando?

— Estávamos discutindo quanto tempo você ficaria escondida atrás da porta.

Meu riso foi assustado. Quando olhei para Giovanni, percebi que o garoto estava quase sem sobrancelhas. Iria perguntar o paradeiro dos grossos supercílios, mas achei melhor não tocar no assunto. Menino que faz a sobrancelha é vaidoso, só isso.

— Vamos que a loja de roupas o espera!

Procurando uma camiseta bacana

A música que tocava na rádio interna da loja de departamentos era eletrônica, som ideal para escolher as melhores camisetas da seção masculina.

Eu deixei meu lado design de moda à tona e comecei a desfilhar ao ritmo da música por entre as araras de roupas. Procurava alguma regata que combinasse com a personalidade de Giovanni, mas era difícil encontrar algo agradável e que agradasse a ele.

Uma era muito brilhante e com corte desagradável; outra tinha muitos furinhos desnecessários. Mirela tentou ajudar, oferecendo uma de super-herói, mas ele constatou que já havia passado da idade de usar aquilo.

Já estava quase desistindo, visto que Giovanni parecia não querer comprar uma camiseta e inventava desculpas para isso.

— Então é isso! Se nenhuma camiseta fica boa em você, o jeito é você entrar nesse festival sem camiseta.

Bastou insinuar em exibir parte do corpo que a timidez o fez encontrar uma camiseta vermelha como ele: tímida nos detalhes.

— O que acha dessa?

— É bem simples, mas já que é a única que agradou, é melhor ir para o provador...

— Não precisa! É o meu número, não preciso nem experimentá-la. Posso levar que serve, com certeza.

Na fila do caixa, ele estava sério, respirando pausadamente, como se fosse passar mal. Perguntei se estava tudo bem, e ele me garantiu que estava nas melhores condições possíveis. Conclui que ele só devia estar com mal-estar psicológico, porque sentia certa vergonha em usar camiseta regata.

O emprego de Jennifer

Logo que saímos da loja, demos de cara com um estande onde estavam vendendo algodão doce. Os olhos de Mirela saltaram e a boca salivou. Entramos na fila e Giovanni mantinha a expressão dura na face. Quando estava pagando à atendente, ele resolveu abrir a boca.

— Vou ao banheiro, já venho.

Correndo para o sanitário masculino, Giovanni me deixou sozinha com Mirela e um algodão doce do tamanho de uma nuvem de verdade.

— Melhor! Sobra mais pra gente!

— Dri, olhe a Jê ali! — Mirela apontou ao noroeste.

Quando meu olhar seguiu a linha imaginária que saía do dedo de Mirela, ele se esbarrou com a porta de vidro de uma loja de móveis. Jennifer estava, com sua beleza deslumbrante, deitada em uma das camas, alisando o colchão. Finalmente entendi qual era o trabalho dela: expositora de colchões!

Os clientes, ao vê-la deitada confortavelmente e sempre bela entendiam que o colchão era realmente macio e que valia a pena ser comprado. A ideia de contratar expositoras de colchões resultou num grande lucro para aquela loja, portanto o patrão ficou feliz e passou a presentear minha irmã com bônus praticamente diários.

Uma horrível sensação eclodiu dentro de mim por eu ter pensado mal dela.

— Boa noite, Bela Adormecida! — entrei na loja, brincando, disfarçando meu sentimento de remorso.

— Ah, não! Você descobriu. Por favor, não conte pro papai. Eu...

— Eita! Você tá com vergonha de quê? Você não tem que se envergonhar de nada. Você tem um emprego bem legal até. Eu é que tenho que pedir desculpas por ter achado que você fazia algo indecente.

Jennifer contraiu as maçãs do rosto e eu pude notar, por um instante, como eu seria dali a alguns anos. Ela sorriu e falou:

— Acho que essa foi a coisa mais bonita que já ouvi de você.

O momento de melodrama protagonizado pela irmã mais velha e pela irmã do meio foi quebrado pela irmã caçula.

— Eu tô com sono. Posso dormir com você, Jê?

— Mirela, a Jennifer tá trabalhando, e não dormindo. Não vamos atrapalhá-la!

— Não tem problema. Acho que será uma boa ideia que ela durma aqui. Assim os clientes verão que as crianças descansam como uns anjinhos nesses colchões.

Quebrando o pau

Do algodão doce, só me havia sobrado o palito, que eu quebrava aos pedacinhos enquanto esperava Giovanni sair do banheiro. Cada parte quebrada era um pensamento que acabava sendo manualmente desabafado.

Crack... “Será que está tudo bem com o Giovanni?” Crack... “Eu deveria entrar no banheiro masculino atrás dele?” Crack... “O que será que o Daniel anda fazendo? Não falei com ele hoje.” Crack... “Bem, pelo menos o Giovanni me faz companhia.” Crack... “Será que eu ando pensando mais no Giovanni do que no Daniel?” Crack... “Acho que prefiro a companhia de um amigo à de um namorado.” Crack...

— Demorei muito? — Giovanni perguntou, aparecendo do nada e me fazendo tomar um susto, o pauzinho foi quebrado com mais força.

— Tá tudo bem? Já estava ficando preocupada.

— Eu fiquei estudando uma forma de fazer essa camiseta combinar comigo — ele já estava usando a regata vermelha.

Ele reclamava que camisetas sem manga faziam o vento entrar em contato com a pele do tórax e que isso o deixava com frio e que só estava usando aquilo por minha causa, que ele se sentia ridículo naquele momento...

Enquanto ele falava, um homem vestido de dinossauro apareceu em nossa frente e começou a brincar com as crianças que estavam por perto.

— Aquilo, sim, é ser ridículo — eu segurava o riso.

— Ah, ele gosta de fazer as pessoas felizes e acaba fazendo coisas ridículas só para arrancar o riso delas. Cada coisa que a gente faz por quem se gosta.

“É impressão minha ou...” Crack... Uma farpa acabou me ferindo.

Dedo no gatilho

O Festival da Camiseta Sem Manga reunia pessoas com todas as características possíveis de se imaginar: algumas eram baixas, outras eram altas, outras eram médias, e outras eram tão estranhas que nem dava para se medir a altura, mas todas elas tinham algo em comum acima da cintura: usavam uma camiseta regata.

Na entrada, havia seguranças para revistar as pessoas e garantir proteção. Mesmo assim, muitas armas estavam expostas e qualquer um podia utilizá-las, desde que pagasse o ingresso para brincar no tiro ao alvo.

Resolvi arriscar a sorte e tentar ganhar alguma coisa na brincadeira. Peguei uma arma, coloquei a rolha-munição e mirei para tentar derrubar a embalagem de um ursinho de pelúcia.

Estava com a concentração toda voltada exclusivamente na caixa. Quando meu dedo se movimentou para apertar o gatilho, Giovanni quis me assustar e colocou o indicador dele no meu ouvido.

Pensei que fosse algum inseto litorâneo, dei um pulo tão grande e apertei o gatilho sem querer. Ficaria brava por Giovanni me ter feito perder a concentração, mas o tiro às cegas me fez acertar uma caixinha de fósforo que simbolizava um celular.

Outra depilação axilar

Barracas com os artesanatos bem feitos, com os doces mais suculentos, com as tatuagens henna mais criativas... A festinha era bastante variada; tinha barracas para todos os gostos. A que mais chamava a atenção, por ser inusitada, era o quiosque de depilação. Aqueles que quisessem poderiam aproveitar que já estavam de regata e fazer uma depilação (a preço bem acessível) nas axilas.

Não sei definir o que foi pior: ver a fila aumentando cada vez mais ou encontrar o namorado com os amigos dele na fila. Eu fiquei tão abismada que minha expressão só foi se alterar quando Giovanni me cutucou e falou, apontando para o outro lado:

— Olhe quem está ali!

Virei a cabeça e, num súbito pensamento de “era só o que me faltava!”, falei:

— Parece que a Malu sempre tá em todo o lugar.

Fomos falar com ela. Dispensando cumprimentos, fui direto ao que me interessava:

— Por que é que o Daniel tá naquela fila com os amigos dele?

— Cada um comprou um pedaço de bolo e queriam saber quem comeria mais rápido. E como apostar dinheiro era uma coisa muito comum, decidiram apostar os pelos da axila... Como se eles tivessem muitos mesmo. A propósito, seu namorado perdeu. Ele é o motivo de eles estarem na fila.

De todas as atitudes jovens tomadas nos dias atuais, aquela foi a que mais me surpreendeu.

— Nossa! Que coisa mais esquisita. Onde já se viu quem perder ser depilado? Ou pior, por que competir pra saber quem é mais veloz pra comer?

— Nem ligue! Eles apostam tudo. Meninos são muito excêntricos. Quer dizer... não todos — corrigiu, sorrindo para o Giovanni.

Produto com potencial

Giovanni comentou que achava melhor irmos embora antes que o Daniel nos visse juntos e começasse a pensar besteira. O garoto parecia preocupado e eu achei melhor, pela primeira vez naquela noite, não contrariá-lo.

Minha casa ficava longe, então Giovanni me convidou para passar a noite na casa dele.

Sabia que se eu aceitasse o convite, teria que avisar meu pai que não gostaria nada da ideia de ter uma filha dormindo na casa do filho do homem que lhe roubou esposa. Mas eu encontrei uma solução plausível: iria até a casa do Giovanni, cadastraria o número do meu novo celular, ligaria para a loja de móveis do shopping, falaria com a Jennifer e pediria para ela passar me pegar depois que saísse do trabalho.

Tudo praticamente certo, fui para a casa do Giovanni, ansiosa o caminho todo, já que eu finalmente conheceria onde é que ele morava.

Entramos numa rua com muitas casas assobradadas. Tive a sensação de ser figurante de um seriado de tevê estadunidense.

Mais alguns passos adiante, chegamos e, somente olhando o lado de fora, já imaginei que o quarto dele era três vezes maior que minha casa toda. Mal cruzamos a porta da sala, Celina veio correndo com rugas de preocupação na face.

— Ai, que bom que você chegou, filho! Tá tudo bem com você? Não tá se sentindo mal? Já comeu? Quer comer alguma coisa?

— Calma, mãe! Deixe a corujice um pouco de lado e diga oi pra Dri.

Aparentemente, ela só foi notar minha presença porque o Giovanni me apresentou.

— Oi, querida! Quanto tempo não a vejo... Mas me diga: o Giovanni comeu alguma coisa? Ele é muito teimoso e não se cuida. Se não sou eu...

— Mãe!

Eu já estava acostumada com todos aqueles mimos vindos de Celina, pois desde que a conheci ela é assim. Depois de nos fazer tomar um *lanche da noite*, Celina sossegou e nos deixou finalmente irmos para o quarto dele, onde sentei na cama macia e tirei o celular da caixa.

— Dri, enquanto você conversa com a atendente, vou tomar banho... e garanto que volto antes de você terminar a ligação.

Eu consenti com um “tá!” e me aconcheguei, recostando no travesseiro. Ele saiu do quarto, levando consigo a toalha e as roupas de dormir, e eu tive a sensação de que havia algo duro atrás de mim. Ignorando o incômodo, tirei do bolso minha carteira de identidade para fazer o cadastro na operadora e um papel dobrado veio junto. Na hora me lembrei que aquela era a crônica que meu pai havia escrito.

Já que estava na casa do meu melhor amigo, tive a genial ideia de aproveitar para mostrar e pedir a opinião dele sobre o texto, portanto deixei o papel ao meu lado, sobre a cama.

— Boa noite! Em que posso ser útil?

Falei com ela, passei todos os meus dados e, conforme eu me mexia para ajeitar o travesseiro, mais irritada eu ficava: algo continuava me cutucando. Já terminando o atendimento, resolvi tirar o travesseiro e encontrei um caderno ali escondido.

— Parabéns! Você agora tem um excelente produto em mão — a atendente se referia ao celular, mas eu poderia interpretar de outra forma.

O primeiro parágrafo

Eu não tinha certeza do que era aquele caderno. Ele jamais havia me contado que tinha um diário, mas foi isso que suspeitei assim que o segurei. Sabia que não devia ler, mas algo em mim dizia que não faria mal se eu só espiasse a primeira página.

Não tinha data nem se iniciava por “Querido diário...” Mas eu soube que o que eu tinha em mãos não se tratava do caderno de português dele. O início era um pouco funéreo.

“Há muitas coisas que um adolescente de 14 anos anseia, e a morte, sem sombra de dívidas, não é uma delas. A aflita certeza de vou morrer é minha particularidade.”

Escutei um barulho e suspeitei que Giovanni estivesse voltando. Fechei o caderno e o coloquei de volta no lugar. Logo vi uma bola de pelos brancos entrando no quarto: era Amaia. Ela pulou na cama, lambeu minha mão e virou de barriga para cima, para que eu coçasse seu peito. Enquanto acariciava a cachorrinha, fiquei imaginando que raio era aquilo que Giovanni escrevia no caderno.

Tubarão, estátua e Adriana

— Oh, acho que a pessoa que atendeu você é mais rápida do que eu imaginava.

— Na verdade, acabei de terminar o cadastro na operadora. Nem tive tempo de ligar pra minha irmã ainda.

— Então, enquanto você liga pra Jennifer, eu ligo o computador. Quero mostrar uma coisa.

Depois de combinar tudo com Jennifer, Giovanni colocou o computador portátil dele no meu colo, já aberto num jogo desenvolvido por ele mesmo. Pediu para eu clicar em Iniciar e foi dando as coordenadas.

— Essa é a primeira fase do jogo. Você é a tubarão June e precisa encontrar um meio de salvar a cidade desses terríveis sentinelas. Por isso, precisa acabar com todos eles.

Eu não podia acreditar! Jamais esperava que o Giovanni transformasse minhas ideias malucas em um jogo de computador. Para ser sincera, nem sabia que ele prestava atenção a todas essas baboseiras que eu falava.

O jogo não era tão difícil ou pelo menos não parecia, já que eu estava sendo ajudada pelo próprio criador. Após derrotar todos os inimigos, a tubarão June entrou numa limusine branca, e o jogo foi para a próxima fase.

— Agora, na segunda fase, você é a Estátua da Liberdade e precisa encontrar, no cenário, uma gelatina de framboesa. Mas precisa tomar cuidado com o zelador, com o motorista de trator e com o dedetizador.

Fazer a estátua correr e pular era a impossibilidade mais simples tornar cabível: bastava pressionar as setas do teclado. Dessa forma, consegui vasculhar todos os cantos do cenário e localizar a gelatina sem ser atacada. Passei para a outra fase.

— E essa é a última fase do jogo. Você é a Adriana e tem que encontrar a saída desse quarto. O problema é que, se você encontrar algum frasco de perfume, tudo fica de cabeça para baixo, e você é obrigada a terminar o jogo de ponta-cabeça.

É óbvio que encontrei o perfume — ele estava no meio do caminho e era inevitável não esbarrar nele — e é óbvio que realizei mais um desejo da minha lista de sonhos impossíveis: andei no teto.

Manipulações

Quando Jennifer tocou a campainha da casa de Giovanni, com Mirela sonolenta ao seu lado, Celina se ofereceu para nos levar para casa no ato. Já era tarde, portanto não recusamos a carona.

Ao chegar em casa, Mirela foi direto para a cama, meu pai já estava deitado, e Jennifer foi tomar banho. Eu fiquei na sala, descobrindo meu novo celular. Ele tinha tantas funções: fotografava, filmava, tocava música, reproduzia vídeos, exibia imagens, estava recheado de jogos...

— Dri, pode me trazer a toalha? — Jennifer gritou do banheiro.

No mesmo instante, deixei o aparelho em cima da mesinha da sala, em frente ao aquário de Betto. Desacostumada com a ideia de que agora eu tinha um celular, acabei trocando de roupa e fui me deitar, esquecendo o aparelho — com a filmadora ligada.

Morte

Pouco depois de acordar de um gostoso sono, senti acordar dentro de mim o desejo de ser a escritora da minha própria vida. Sequer penteei o cabelo, lavei o rosto ou fiz xixi; minha única vontade naquele momento era acordar a realidade e descrevê-la nas páginas de um caderno amarelado abandonado no fundo da gaveta.

Ao posicionar a esferográfica na primeira linha do papel, porém, um berro infantil me fez derrubá-la e me acelerou o coração com o susto.

O grito de Mirela não foi de boa admiração, de quem ganhou um presente do Papai Noel ou de quem foi convocada para estrelar um programa de tevê, mas um grito de desespero, de horror, de terrorismo.

Cabelo armado, saí aos tropeços do quarto e me deparei com o que deixou meus cabelos ainda mais em pé: pai e irmãs olhavam arregalados para o aquário de Betto, onde certo peixinho avermelhado boiava pacificamente. Betto, o peixe tão especial para mim, já não soltava mais bolhas inúteis na água.

Não sabia o motivo de sua morte — fome? idade? solidão? — e jamais saberia, mas, graças ao meu celular que, ocasionalmente, ficou com a filmadora ligada, tinha recordações do meu amado bichinho de estimação salvas em formato digital.

Voltei ao quarto e sentei novamente na cama. Desta vez não para escrever, mas para assistir ao vídeo gravado durante a madrugada.

O enigma do peixe

Resolvi apertar o play e assistir à gravação. Impressão minha ou não, parecia que Betto andava desesperado e, assim que avistou a câmera do celular, olhou fixamente para ela e tentou se comunicar; bolhas saíram de suas guelras. Elas pareciam ordenadas: saíam algumas, logo saíam outras, às vezes a pausa era um pouco maior. Depois de ter

soltado centenas delas, seu corpinho simplesmente virou e flutuou até a superfície.

Eu apertei o reiniciar e tentei interpretar o que se passava na telinha, como se fosse algo possível. Analisando, tive uma ideia anormal: contar quantas bolhas ele soltava antes de cada pausa. Tive paciência para forçar a vista e contar uma a uma, apertando o pause sempre que necessário. Aproveitando que estava com o caderno ao meu lado, anotei os números:

1-4-18-9-1-14-1, 22-15-3-5 1-9-14-4-1 14-1-15 16-5-18-3-5-2-5-21 17-21-5 15 7-9-15-22-1-14-14-9 5-19-20-1 1-16-1-9-24-15-14-1-4-15 16-15-18 22-15-3-5 e mais uma voltinha, como se desenhasse com o corpo a metade de um coração.

Muitos números eram repetidos, e os demais não faziam o mínimo sentido. Considerei tudo aquilo uma grande loucura e perda de tempo; nem para jogar na loteria aqueles números serviam, as dezenas não passavam da casa dos vinte.

— Dri — Jennifer entrava no quarto, Mirela vinha ao lado, cantarolando — sei que você tá triste pelo seu peixinho, mas seria legal se você fosse com a gente pro supermercado. Acho que você vai se divertir lá.

A última coisa que eu queria naquele momento era sair de casa, por isso chacoalhei a cabeça para os lados e respondi:

— Não. Podem ir sem mim. Eu ficarei bem.

Jennifer consentiu. Um silêncio de minha parte, outro da parte dela. Apenas Mirela continuava no lá-lá-lá. Logo elas saíram, mas a canção infantil parecia grudada nos meus ouvidos, tanto que comecei a cantar baixinho:

— A, B, C, D, E, F, G... — e fiquei pensando em quem é que inventou as 26 letras do nosso alfabeto.

Uma música, uma pergunta sem resposta. Poderia estar enganada, mas pensei ter encontrado a resposta para um pergunta que nem tinha sido feita. Peguei outra folha do caderno e escrevi as letras do alfabeto, colocando na sua frente os respectivos números:

| | | |
|-----|------|------|
| A—1 | J—10 | S—19 |
| B—2 | K—11 | T—20 |
| C—3 | L—12 | U—21 |
| D—4 | M—13 | V—22 |
| E—5 | N—14 | W—23 |
| F—6 | O—15 | X—24 |
| G—7 | P—16 | Y—25 |
| H—8 | Q—17 | Z—26 |
| I—9 | R—18 | |

Em seguida, peguei a folha onde tinha anotado o número de bolhas que Betto fazia e comecei a substituir os números por suas respectivas letras. O meio coração, desenhado, representava o ponto de interrogação. Li estupefata o resultado:

ADRIANA, VOCÊ AINDA NÃO PERCEBEU QUE O GIOVANNI ESTÁ APAIXONADO POR VOCÊ?

Não consegui acreditar nem que meu peixe tinha capacidade de se comunicar com os humanos, nem no que ele me disse, ou melhor, no que ele me *bolbou*.

Surdo, mudo e cego

Incerteza, insegurança e talvez um pouco de pânico já haviam tomado conta de mim e, de repente, começaram a ficar mais forte como se todos esses sentimentos quisessem me avisar sobre alguma coisa ruim.

Tentei deixar de lado o pessimismo, mas uma brisa forte entrou pela janela e derrubou um porta-retrato da cômoda: exatamente o que trazia a foto que minha mãe tirou de mim e de Giovanni na cachoeira.

Certo medo tomou conta do meu interior e certo barulho de palmas tomou conta do ambiente. Corri até a porta e, assim que a abri,

dei de cara com dois policiais escoltando um homem com feições de malfeitor. Senti minha urubu esganiçar e o coração inchar de susto.

— Capturamos este delinquente e, em vez de um telefonema, ele pediu para passar neste endereço.

Eu estava de frente para um bandido, minhas pernas tremiam e, ainda assim, não conseguia parar de pensar no Giovanni. Com o pouco de coragem que ainda me restava, olhei para o rapaz e ouvi o que ele tinha a dizer.

— No início da semana, enquanto eu armava um esquema de assaltar a papelaria, vi um garoto indo em direção ao correio. Ele estava preocupado, segurando um envelope que parecia ter alguma notícia importante. Ele posicionou a carta e a colocou até a metade na caixinha amarela, mas mudou de ideia de última hora e decidiu jogá-la na lixeira e sair correndo.

A história que ele me contava não fazia sentido, mesmo assim ele continuou.

— O surdo, quando precisa pedir uma tesoura ao mudo, apenas diz: “Dê uma tesoura pra mim!” O cego, quando tem que pedir uma tesoura ao surdo apenas gesticula os dedos indicador e médio, imitando uma tesoura. Agora, quando um mudo precisa pedir uma tesoura ao cego, o que ele faz?

— Eu não sei.

— Ele cutuca o surdo, gesticula os dedos, e o surdo fala ao cego: “Dê uma tesoura pra ele!” — ele fez uma pausa e mexeu as mãos algemadas, tirando algo do bolso. — Tome! — entregou-me um envelope sujo e amassado. — Quero dar ao mudo a tesoura que o cego não conseguiu entregar.

Dito isso, os policiais saíram com o homem que, por trás da carranca, tinha um bom coração. Enquanto entravam no camburão, eu olhava para eles a distância.

— Obrigado! — disse com a voz abafada, mas creio que o surdo não conseguiu ouvir.

Tesouro enterrado

A parte do destinatário estampava meu nome, e a parte do remetente, o nome do Giovanni. Sozinha em casa, abri o envelope. Havia uma folha de papel com apenas uma frase no cabeçalho e outra no rodapé. Comecei a ler:

“Oi, alguém está no olho, mas a verdade conta esta intenção pela dor da gratidão. Gi.”

Sem compreender absolutamente nada, vi a nota no finzinho: “Para entender o que está escrito na carta, olhe no buraco do sofá.”

A única coisa que faltava naquele momento era eu descobrir que o buraco do estofado é uma passagem para outra dimensão. Para não ficar focalizada nessas ideias malucas, resolvi tirar de uma vez a almofada que tapava o arrombo e olhar para seu interior.

Descobri que o buraco era um esconderijo para as tralhas que a Mirela encontrava pelo caminho. Vários lápis de cor sem ponta e papéis de presentes das mais variadas festas estavam dividindo espaço com uma das minhas joias. Finalmente eu havia desvendado o paradeiro do Dri, meu perfume mágico!

Sem pensar duas vezes, borrifei um pouco da fragrância de flor de lótus sobre o papel e falei:

— Revele o que Giovanni quis realmente dizer.

Num passe de mágica, as palavras se distanciaram umas das outras e novos conjuntos de palavras surgiram entre elas, formando frases compreensíveis.

De Gi para Dri

Oi, Dri.

*Sei que oi é um cumprimento bastante clichê para se iniciar uma carta, ainda mais uma escrita para **alguém** que é tão inusitada, mas faço uso dele porque sei que o conteúdo será capaz de destruir quaisquer lugares-comuns.*

*Você **está** se sentindo preocupada agora, talvez bastante confusa, sem entender o motivo de eu preferir escrever a falar pessoalmente. Acho que já conheço você o suficiente para saber quais são suas reações diante das minhas ações.*

*Dizer, olho **no olho**, o que tenho para contar não é fácil, por isso apelei aos velhos amigos caneta e papel. Fico mais à vontade em dar notícias bombásticas, se escrevo.*

*É bem provável que você não tenha reparado, mas estou doente. Essa doença já vem se alastrando há alguns meses, **mas** somente agora ela está agindo com maior intensidade. Já não tenho mais o pique que tinha antes, nem a enérgica felicidade que sempre estive comigo, mas tenho feito de tudo para que você não percebesse o que vem acontecendo.*

*Nossa amizade sempre foi a mais linda do mundo, e eu tive medo de falar **a verdade** assim que descobri, pois pensei que você fosse querer se afastar de mim. Por isso ocultei todas as dores, os mal-estares e a fadiga que tentam me derrubar.*

*Seu coração é tão bom que provavelmente só enxerga o interior das pessoas e nem se deu **conta** de que aos poucos eu ficava fisicamente mais fraco. Fortes enxaquecas e tonturas são resultado do tumor que tenho no cérebro; enjoos e perda dos cabelos, da quimioterapia.*

*Até agora não decidi se vou realmente postar **esta** carta e divulgar essa verdade. Sinceramente, não gostaria que você soubesse dessa forma, mas neste sábado serei submetido a uma cirurgia e não sei se haverá outra maneira para você ficar sabendo disso.*

*Desculpe se escolhi o jeito errado de contar e deixei você em choque, essa não era minha **intenção**.*

*Independente do que aconteça neste fim de semana, preciso que você saiba que nunca houve na minha vida alguém com tal importância como você. Você sempre foi a mais autêntica e a de coração mais gentil. Sinto que fui agraciado com o presente mais angelical desde o dia que vi seu rosto **pela** primeira vez.*

*Por todas as vezes em que estive deprimido e você me fez sorrir, que fez toda a minha **dor** desaparecer com um simples abraço, que mesmo sem saber fez brotar em mim uma vontade imensurável de viver, principalmente em noites das quais*

jurava que não iria mais acordar... Por todos os momentos em que você esteve ao meu lado e aqueceu meu coração, muito obrigado.

*Jamais encontrarei palavras para descrever o tamanho **da gratidão** que tenho por você ter sido minha melhor amiga durante todos esses anos.*

*Adeus! **Gi.***

Com a leitura da carta, a realização do nono desejo

Fui parar na Lua.

Lorena em cena

A ficha provavelmente ainda não tivesse caído e, ainda segurando o choro e sem saber o que fazer, joguei todos os meus utilitários numa bolsinha de mão que encontrei dentro do sofá, fiz uma rápida visita ao banheiro e saí de casa, andando a passos largos até a casa de cultura.

Lorena estava na porta do centro cultural, esperando pelos alunos que solicitaram uma aula extra naquela manhã de sábado. Corri até ela com o rosto melancólico. Ela suspirou e me abraçou, oferecendo o ombro para eu encostar a cabeça e chorar, mas eu não me sentia à vontade para isso.

— Você já sabe há muito tempo?

Ela sorriu e redarguiu:

— Você realmente acha que eu ouço a Rádio Baleia Orca?

As lágrimas foram inconvenientes e saíram dos meus olhos sem serem chamadas. Tentei esconder que estava chorando, mas eu não era tão boa em ocultar os sentimentos.

Golfinho do mal

Lorena se ofereceu para dar uma volta comigo, os alunos podiam esperar. Mas não quis incomodá-la e, além disso, precisava ficar sozinha.

Andando pelo calçadão, encontrei Daniel com seus amigos sentados num quiosque da praia. Pensei que roubar alguns beijinhos do meu namorado ou compartilhar minha angústia com ele me faria sentir melhor.

Cheguei perto e me escondi atrás do balcão, para fazer surpresa, quando notei que ele estava se aproximando com um amigo. Como eles estavam conversando, fiz silêncio para não ser percebida e prestei atenção ao papo. O assunto era eu.

— Ei, cara, você não pretende terminar com a Adriana, não?

— De jeito nenhum! Estar com a Adriana é como ter toda a riqueza do mundo ao meu lado; escutar a voz dela é como ouvir o canto dos pássaros ao acordar; sentir os lábios dela é como dar ao paladar o sabor que nem um chocolate suíço é capaz de dar.

Meus olhos, que já estavam lacrimejados, brilharam de alegria. Senti uma vontade imensa de levantar naquele momento, abraçá-lo e lhe dar um beijo que bateria o recorde como o mais apaixonante. No entanto, um riso seguido de novas palavras me provocou reação contrária.

— Rá! Sou tão bom ator que já tô quase acreditando nas minhas próprias invenções. Até parece que eu vou me apaixonar por aquela moreninha estranha.

— Lourinha você quis dizer, né?

— Sei lá! Nunca reparei no cabelo dela. Enfim, eu apostei com vocês que ficaria um mês com a esquisitinha que pensa que vai ficar famosa praticando aquela besteira de ginástica artística e a faria acreditar que eu estou realmente gostando dela, não foi? Assim que o prazo passar, dou um jeitinho de terminar com ela. E o melhor: farei com que ela se sinta a vilã da história, pois o motivo da nossa separação vai ser aquele amiguinho ridículo dela.

Inimiga do bem

Sentada no chão, os joelhos contra o corpo, a cabeça encostada no joelho. “É um sonho! Só pode ser um sonho! Ninguém tem dias tão ruins quanto o que estou tendo hoje”, eu pensava em confronto com as lágrimas que continuavam saindo espontaneamente.

— Eles apostam tudo, são verdadeiros idiotas — uma voz feminina tentou me aconchegar. — O Daniel não merece seu sofrimento.

Comprovei que Malu está sempre em todo lugar. Pedi para ela me deixar sozinha, mas ao invés de me ouvir, ela se sentou ao meu lado e começou a puxar assunto.

— Eu, Maria de Lourdes, sou rica! Absurdamente rica! Depois que meu pai foi promovido a gerente da empresa onde ele trabalha, eu estou rodeada de dinheiro. Se eu quisesse, bastava pedir para meu pai me transferir de escola e eu estudaria num dos melhores colégios do exterior. Tenho condições para isso.

A sinceridade me tomou e eu disse que, se ela estava tentando me consolar, não estava conseguindo.

— O que tô tentando dizer é que teve um motivo para eu não sair da escola pública.

— Daniel?

— Confesso que no fundo me sinto atraída pelo Daniel e, é claro, que eu sempre adorei perturbar você, mas isso não vem ao caso. O fato é que eu gosto da sua companhia. Você é a única pessoa que não vem me bajular só por causa do meu dinheiro. Você me odeia e acho que por isso gosto de você.

A atuação era tão convincente quanto a de Daniel. Mas não fui boba e não relutei em dizer que nunca tive nenhuma prova de que ela é minha amiga.

Sem dizer mais nada, ela se levantou e foi na direção do Daniel toda sorridente. Ele fez um olhar amigável, e ela retribuiu com um forte e indelicado tapa na cara.

— Tá louca?

— Estaria, se você não merecesse o que acabei de dar.

Com sua mimada elegância, Malu foi embora, sabendo que ela tinha me feito perceber que minha arqui-inimiga era também uma grande amiga.

Auxílio à psicologia

Com os nervos à flor da pele, tirei energia de algum lugar que desconheço para conseguir ir até a clínica médica. Minha mãe sempre trabalhou nas manhãs de sábado e eu precisava de alguém que fosse especializado em consolos.

— Alguém aqui comprou jornal hoje? — ela perguntava para os demais funcionários, e um olhava para o outro sem saber o que responder.

Assim que me viu, ela até esqueceu que queria ler as manchetes do dia e, aproveitando que não tinha nenhum paciente naquele horário, veio falar comigo.

— Filha, que surpresa! O que você faz por aqui? Tá tudo bem?

Fui mais uma que não teve palavras para responder. Preferi fazer o que evitei fazer com Lorena: abraçá-la e desabar no choro. O ombro materno me serviu de calmante.

— O Gi... ele... ele tem câncer.

— Então ele contou?

— Sim! Você já sabia? Por que não me contou?

Ela somente me jogou um olhar de psicóloga e me fez entender que o silêncio girava em torno do sigilo profissional.

Voltando a abraçar minha mãe, olhei por cima do ombro dela e avistei, no balcão da recepção, uma página de uma revista.

— O que é aquela página?

— Ah, a filha de uma paciente arrancou. Ela queria mostrar esse teste para as amigas.

Eu me soltei da minha mãe e praticamente pulei em cima do balcão para ver de qual teste se tratava.

Sorri quando li “Como é o namorado dos seus sonhos?” e me lembrei de tê-lo feito há algum tempo, na *Teen-Tim por Tim-Tim*. Caí na real quando comecei a relê-lo e a ver que o Daniel, que até então eu podia chamar de namorado, não tem nada a ver comigo e que se encaixava no quesito namorado irresponsável, mas que Giovanni, que sempre foi só meu melhor amigo, com certeza seria não um namorado romântico, mas um namorado perfeito!

Por um instante, levei em consideração o que todos sempre me diziam, do suposto amor que Giovanni sentia, e, relevando todos os fatos, cheguei à conclusão de que todo mundo estava enganado: Giovanni podia não estar apaixonado por mim; eu é que estava (imperceptivelmente) apaixonada por ele.

Com essa certeza, falei para minha mãe:

— Já que você está sem pacientes agora, poderia me levar ao hospital?

Driblando a recepcionista

Estacionamos em frente a uma banca de jornais, e, enquanto eu corri para descobrir em que quarto o Giovanni estava, minha mãe pôde comprar seu desejado jornal de sábado.

Na recepção, a secretária me informou que Giovanni estava no quarto 14, no primeiro andar, mas que eu teria que esperar o horário de visitas para poder subir. O relógio na parede indicava que ainda faltava muito tempo para as 13h, então eu tentei amolecer o coração dela, mas não consegui resultado satisfatório.

Pela porta de vidro, vi minha mãe sair da banca com um jornal e uma revista na mão, e isso me deu uma ideia fenomenal. Corri para

fora, puxei minha mãe pelo braço e voltei com ela para perto da secretária.

— Esta é a psicóloga do paciente que está no quarto 14, e ela precisa que eu entregue uma coisa para ele.

— Como eu vou saber que ela realmente é psicóloga? — a secretária perguntou ranzinza e descrente.

Cutuquei minha mãe com o cotovelo e ela resolveu me dar uma ajuda.

— Sou a doutora Flávia — exibiu a carteira médica — e também trabalho para o convênio. O Giovanni é meu paciente desde os 7 anos e antes que ele entre na sala de operações, tenho que pedir para a Adriana, que é esta garota, entregar uma coisa para ele.

— Que coisa? — a secretária não caía na armação.

— Bem... Esta revista! — minha mãe mostrou uma revista científica sobre estudos da mente humana, que havia acabado de adquirir. — Claro que ele precisa lê-la antes de fazer a cirurgia, assim ficará mais tranquilo. Isso o ajudará a combater a ansiedade.

A secretária franziu o cenho e se fez de difícil:

— Pode deixar aqui que peço pra uma enfermeira levar.

— Eu exijo que alguém da minha confiança a entregue.

Tirando o fone do gancho e digitando algum ramal, sussurrou alguma coisa e logo veio com a ordem.

— Tudo bem, ela pode subir. Mas que seja rápida!

O último desejo

Em frente à porta do quarto de Giovanni, senti uma palpitação. Com a mão no trinco, senti minha urubu resmungar. Abrindo a porta, segurei a vontade de chorar e engoli o nó na garganta.

— Dri? O que você tá fazendo aqui? — ele tinha a voz cansada.

— Você acha que eu ia ficar longe de você num momento como esse? — lhe segurei a mão.

Ele baixou timidamente a cabeça e começou a falar pessimistamente:

— Você promete que não vai ficar muito triste? E que, depois de hoje, encontrará outro garoto para ser a melhor amiga dele e que o fará ser feliz com a sua amizade?

— Pare já com isso! Você vai sair bem da sala de cirurgia — tinha o mar nos olhos. — Não é você que queria realizar todos os meus sonhos impossíveis? Pois ainda falta um, o último, aquele que você não sabe.

— Eu tentei descobrir, mas você se fez de difícil. Sinto muito por não poder ajudar a realizá-lo.

— Pois agora eu vou dizer, só para que, quando você melhorar, possamos fazer isso juntos. Meu décimo sonho é... — respirei fundo e tomei coragem para dizer — fazer com que meus pais se reconciliem.

Giovanni piscava sonolento, mas sorriu quando revelei o desejo. O momento de compaixão foi quebrado pelo toque do meu celular: minha primeira chamada!

— Alô! Jennifer?

Sem saber como mexer direito no celular, acabei apertando o botão de viva voz.

— Dri, você não vai acreditar na notícia que eu tenho pra dar. Nós estávamos no supermercado, e a mamãe apareceu. Ela, assim que viu o papai, correu pros braços dele, e os dois se beijaram. Dri, eles voltaram! Parece que a crônica que ele escreveu foi publicada no jornal de hoje, e a mamãe, assim que leu, sentiu reavivar o amor no coração. Isso não é ótimo?

Paradoxo: aquela foi a notícia feliz mais triste possível.

— Como... Como? — perguntava para mim mesma, depois que Jennifer tinha desligado.

— Ontem, quando você foi em casa, esqueceu a crônica em cima da cama — Giovanni contou. — Eu li, achei interessantíssima e decidi mandá-la por e-mail pro jornal. Não sabia que eles a publicariam, nem que seria tão rápido. Pronto! Realizei todos os seus sonhos. Agora acho que farei uma viagem feliz.

Ele fechou os olhos, e uma enfermeira chegou para levá-lo para a sala de cirurgia. O transtorno foi tanto que senti minha urubu evoluir para gavião e devorar meu estômago por completo. Tive uma vertigem, e a vista escureceu. Desfaleti.

Um urubu chamado Gastrite

Ao abrir os olhos, percebi que estava com roupa hospitalar. Minha mãe estava sentada numa cadeira ao lado e se levantou quando me viu acordar.

— O que aconteceu?

— Você teve uma forte dor de estômago e desmaiou. A secretária reconheceu você e ligou para mim. Fizeram uma endoscopia e, bem, estamos aguardando os resultados.

Assim que terminou de falar, o médico gastroenterologista entrou com um envelope e notícias nada boas.

— Então, senhorita Adriana — a forma de tratamento elevou minha autoestima — há quanto tempo você tem dor de estômago?

— Desde quando era criança. Mas elas sempre foram apenas algumas queimações que surgiam uma vez ou outra. De uns dias para cá que elas se tornaram constantes e mais radicais. Tanto que até desmaiei e nem acredito nisso.

O médico levantou a sobrancelha e falou:

— Pois esse desmaio foi importantíssimo! Graças a ele fizemos a endoscopia e agora posso receitar um remédio para sua gastrite moderada — minha urubu era uma enfermidade. — Se esperasse mais um pouco, as feridas no seu estômago poderiam aumentar e se tornar um caso cirúrgico.

O maior culpado da intensa dor de estômago que senti naquele dia e, conseqüentemente, da minha perda de sentidos foi a preocupação com o Giovanni. Portanto, eu poderia dizer que ele havia salvado a minha vida.

O médico escreveu a receita e entregou para minha mãe. Antes de sair, explicou o que eu teria que parar de comer até que me recuperasse. Outra má notícia: estava terminantemente proibida de comer chocolate, batata frita e de tomar refrigerante.

Hora do fim

— Que horas são? — já enxergava a Lua.

— São quase 22 horas. Daqui a pouco acaba o horário de visitas, e o médico dá a alta pra você, aí levamos você pra casa.

Com tanto afobamento, cheguei a me esquecer do motivo principal pelo qual eu estava naquele hospital: o Giovanni.

— E o Gi? Como ele tá?

— Calma! Ele saiu da sala de operações logo ao meio-dia e parece que tudo correu bem. Ele tá no quarto ao lado e...

Não deixei minha mãe terminar. Peguei minha bolsinha e fui correndo para o quarto ao lado.

Emoções anestesiadas

Giovanni ainda estava dormindo, a cabeça enfaixada indicava que ele realmente tinha feito a cirurgia. Na cadeira, dona Celina lia a revista que eu havia trazido e até parecia interessada.

— Boa noite! — falei, tirando a concentração dela.

— Oi, querida! Tá tudo bem com você? Fiquei sabendo que você passou mal.

— Tá tudo bem, sim. Foi só um desmaio por causa da gastrite. E eu que nem imaginava que uma gastrite atacada pudesse provocar desmaios...

Ela sorriu com o tom da minha voz na última frase. Talvez fosse o primeiro sorriso do dia.

— E o Giovanni? Já sabem se ele está bem?

— O médico disse que a cirurgia não foi fácil, mas que eliminaram todo o tumor. Agora, só falta ele acordar para sabermos se está tudo bem. Por que você não fica aqui com ele? Vou comer alguma coisa, já volto.

Balancei a cabeça e ocupei o lugar de Celina. Aproveitando que ele estava inconsciente, resolvi falar o que com certeza não teria coragem, se ele estivesse acordado.

— Fique bom logo. Preciso que você esteja curado pra pedir você em namoro.

Mesmo sem me ouvir, ele pareceu sorrir. Medrei um pouco, pensando que ele tivesse fingido dormir, mas me preocupei à toa.

A enfermeira entrou no quarto e, vendo que Giovanni ainda mantinha os olhos fechados, comentou para si:

— Estranho, ele já devia ter acordado — pelo tom da voz, a preocupação era grave e começou a me assustar.

Pegando o ramal que estava ao lado, ligou para o médico plantonista. Descontente em ficar esperando de braços cruzados, saiu para procurá-lo.

Aproveitei a deixa para ser a super-heroína de Giovanni. Tirei o Dri da minha bolsa e me preparei para pedir a melhora dele. Posicionei meu indicador para borrifar um pouco da fragrância pelo quarto. Imediatamente Celina reapareceu.

— Isso não é flor de lótus, é?

No mesmo momento me lembrei da alergia de Giovanni ao perfume e soube que, se eu impregnasse o quarto com o aroma, em vez de salvá-lo, faria o inverso.

Com as mãos trêmulas, guardei o perfume na bolsa e quase fui derrubada pelo homem de branco que entrou correndo e, com uma cara nada boa, começou a fazer testes em Giovanni.

Eu comecei a ficar nervosa, mas de nada adiantava meu nervosismo naquele momento. Giovanni já havia visto a luz.

Tese sobre o preto

Há quem diga que é capaz de distinguir tons de preto. Particularmente, nunca consegui definir o que seria um preto claro ou um preto escuro. Por saber que preto não é uma cor, mas uma ausência de cor, para mim é tudo preto!

Da parte de cima da cabeça aos dedos dos pés, eu trajava peças escuras, pois o tradicionalismo me tomava quando o assunto era velório.

A cerimônia de despedida seria na praia, e eu, uma das pessoas que o falecido mais considerava, acompanhei o corpo.

Os olhos estavam secos, e o organismo, funcionando de modo normal. As emoções do dia anterior foram tantas que meu nervosismo ficou no passado. Estava prestes a me despedir de um grande amigo e, mesmo assim, podia me considerar tranquila.

Em volta do corpo, apenas a família e os amigos: pouquíssimas pessoas. A vontade de todos era a de voltarem para suas casas e terem um domingo sem mais agitações, portanto fiz o que tinha que ser feito.

Peguei o caixão improvisado de uma lata de sardinha nas mãos e, dando adeus a Betto, deixei que as ondas do mar o levassem. Fiquei parada, vendo o pequeno recipiente preto desaparecer na água salgada. Por um breve instante, o reflexo da luz me fez enxergar um tom preto-azulado.

Novos empregos

No caminho de volta, meu pai comunicou que o jornal da cidade lhe ofereceu o emprego de colunista e que, a cada sábado, uma nova crônica será publicada na “Coluna do Betto”, nome que meu pai escolheu em homenagem ao apelido e ao nosso eterno peixinho de estimação.

Das filhas, ele conseguiu os votos de felicitação; da esposa, o beijo mais molhado que ele já havia recebido numa manhã dominical.

Jennifer não queria ficar de fora das boas notícias e contou em primeira mão que seu chefe decidiu promovê-la. Agora, em vez de ficar deitada alisando colchões a noite toda, ela terá um emprego de vendedora e trabalhará no período diurno, com um salário duas vezes melhor.

Das irmãs, ela conseguiu os parabéns; dos pais, o beijo duplo na testa mais inesperado que ela já havia recebido depois de ter atingido a idade adulta.

Almoço de domingo

Sigilosamente, enquanto ajudava minha mãe com a lasanha de quatro queijos, perguntei como tinha ficado a relação dela com o Marcelo.

— Ontem à tarde, fui ao apartamento dele pra pegar minhas coisas. Ele estava usando o computador. Antes de sair, eu disse que estava terminando tudo e que voltaria pra a casa do meu verdadeiro marido.

— O que ele disse?

— “Não me atrapalhe que estou na página 44. Depois conversamos.”

Torço para que Marcelo faça sucesso como autor de livros sobre arquitetura, porque como um amante ele é notavelmente péssimo.

No hospital, dessa vez, sem dribles

Depois do almoço, evitei o cochilo da tarde e peguei um ônibus não muito lotado até o hospital. Giovanni deu um susto muito grande em todos, porém, bastou que o médico abrisse uma das pálpebras do garoto e direcionasse uma lanterna na retina que Giovanni viu a luz e despertou sem reclamar de dores ou indisposição. Ele estava melhor que o esperado.

O ruim foi que o horário de visitas acabou, eu recebi minha alta e não pude prolongar o papo com o meu melhor amigo. Mas prometi que voltaria lá no dia seguinte. Com a ajuda de um ônibus, cumpri minha promessa.

A secretária, assim que me viu, jogou um olhar ameaçador, mas eu apenas apontei para o relógio e avisei:

— Estou indo pro quarto 14.

Não dei tempo para ela reclamar ou dizer qualquer outra indelicadeza; dispensei o elevador e subi os degraus de dois em dois para chegar mais rápido.

Cesta de melhoras

Disputei com a enfermeira para saber quem entraria primeiro no quarto. Ela acabou ganhando, mas porque a cesta de chocolates que carregava era tão grande que tapava todas as brechas, impedindo que eu ultrapassasse.

— Uau! Que cesta é essa? — Celina, que já estava fazendo companhia para o filho, se surpreendeu com o mimo.

— Nossa! — eu exclamei. — É tão grande que não caberia lá em casa.

Giovanni riu com a minha tirada, mas ficou curioso para saber quem tinha enviado aquela imensidão repleta de bombons. Celina leu o cartão.

— “Gi, estimo sua melhora. Malu.”

A admiração de Giovanni saiu em voz tão baixa que não foi possível saber se ele havia dito “puxa!”, “nossa!” ou “caramba!”. A minha saiu em voz bem alta.

— Como a Malu sabe sobre você?

— Eu não queria contar para você, então me vi obrigado a adicioná-la e fazer amizade virtual para ela.

Entendi a razão pela qual ambos haviam se tornado amigos virtuais e senti menos raiva depois disso. Celina percebeu que estava sobrando.

— Já que a Adriana chegou, vou deixá-la fazendo companhia pra você, enquanto levo esta cesta pra casa. Aproveito e trago seu laptop.

As 10 notícias mais excêntricas da semana

Após o consentimento de Giovanni, Celina nos deixou em companhia única da televisão, que exibia um TOP 10 com as notícias mais excêntricas da semana. Aproveitei para tirar todas as dúvidas que ainda tinha. Aparentemente, ele também queria saber algumas coisas, então saiu na frente.

— Como você soube que eu estava doente?

— Eu li sua carta.

— Como você leu a carta que eu joguei fora?

A história era longa, tanto que me sentei para contar. Giovanni não acreditava que um criminoso fez um ato de caridade ao pegar a carta da lixeira e me entregar. Ficou mais surpreso ainda em saber que a polícia aceitou levá-lo em casa. No fundo, ele deve saber que, para o amor, tudo é possível.

— Mas como você sabia onde o Dri estava?

— No dia que fomos ao shopping e Mirela veio falar comigo, ela cochichou no meu ouvido que você ficou desesperada depois que ela escondeu seu perfume no sofá e que queria ver quanto tempo você ia levar para achar. Resolvi guardar segredo até que a oportunidade certa de contar surgisse. Então, escrevi um papel com meia-dúzia de palavras e achei que ele se encarregaria de mostrar o restante do que eu queria dizer.

Essa descoberta de que o Dri sempre esteve escondido dentro do sofá e nunca saiu de lá não fazia sentido.

— Gi, tem uma coisa que não contei sobre o Dri.

— O quê? Que você quase o espirrou pelo quarto, mas lembrou que sou alérgico em cima da hora? Se for, minha mãe já contou... Só que para ela, você queria apenas perfumar tudo.

— Que bom que ela não suspeitou de nada. Mas não é isso. É que, na pré-festa de debutante da sua prima, encontrei uma menina parecidíssima comigo e que me chamou de mãe. É absurdo, mas eu realmente acreditei que ela fosse minha filha. E quando isso aconteceu, eu juro que senti um cheiro de flor de lótus. Achei que talvez você estivesse por trás disso, que você fosse o responsável, de alguma forma, pelo sumiço do Dri.

Sem entender o que poderia ter acontecido e começando a acreditar que tudo era uma ilusão minha, Giovanni mudou de opinião quando ouviu algo interessante na televisão:

E, em primeiro lugar no ranking das notícias mais excêntricas da semana, Márcia Galileu e sua suposta fórmula encantada...

Estiquei o braço, peguei o controle remoto que estava em cima da mesinha e aumentei o volume da televisão para escutar o informe.

Durante uma consulta com o psiquiatra do instituto onde está internada, a cientista Márcia Galileu confessou que não inventou uma, mas duas poções mágicas. Revelou ainda o paradeiro de cada uma delas: a primeira foi deixada numa lojinha de variedades, a segunda, numa loja de fantasias. Os médicos garantem que tudo não passa de alucinações e que um tratamento intensivo solucionará o problema da célebre mulher.”

Os médicos nem sempre sabem da realidade. Provavelmente, algum dos convidados daquela festa futurista precisou comprar uma fantasia e acabou levando o perfume junto. E, depois de ter descoberto o que o líquido era capaz de fazer, resolveu animar a comemoração, trazendo alguém do futuro, alguém que coincidentemente era minha filha.

Giovanni estava tão embasbacado quanto eu, mas foi o primeiro a conseguir falar.

— Isso quer dizer que...

— O Dri tem um clone! E agora?

— Bem, da mesma forma que você tem o seu, essa pessoa tem direito de ter o dela. Vai que outros cientistas já desenvolveram outras substâncias mágicas por aí e nós não ficamos sabendo... Se eu fosse você, cuidaria do meu e deixaria a outra pessoa ser feliz com o dela.

Concordei com Giovanni. Não precisava me aventurar numa busca incessante atrás da pessoa que estivesse com o Dri II. Eu já tinha o original e me contentava com isso.

O décimo primeiro desejo

Sentei na cama, ao lado do Giovanni e aproveitei para colocar a conversa em dia: contei sobre a morte de Betto e o enigma de suas bolhas, sobre a atitude desprezível de Daniel e de como a Malu *cuidaria* dele por mim, sobre a coluna que meu pai ganhou no jornal e de como o pai dele ficou egocêntrico depois que decidiu abandonar a arquitetura. No final, acrescentei:

— Posso fazer uma pergunta?

— Poder você pode. Se eu vou responder, isso é outra história.

— Você não precisa responder. Quem cala consente. Se você não disser que não, o sim pode ficar implícito que eu o entenderei.

Giovanni se admirou com meu raciocínio. Geralmente ele é quem tem ideias filosóficas como essa. Aproveitando a serenidade dele, tomei coragem para perguntar:

— Naquele dia em que atravessamos a cachoeira e chegamos a uma caverna onde você fez alguns desenhos... Aquela menina, que você desenhou e disse que esqueceu, por acaso tem cabelos alourados, é meio doida, tá sempre envolvida em situações esquisitíssimas e é dona de um perfume mágico?

Ele parou de me olhar, baixou a vista e ficou calado. O silêncio só não foi total porque era possível ouvir o estalar dos dedos. Eu aproveitei o momento e deixei o coração dizer as palavras seguintes:

— Você realizou meus dez sonhos mais impossíveis. Agora, acho que chegou a hora de eu agradecer por isso e tornar real um desejo que nós dois compartilhamos.

Escola, praia, praça, parque e cinema viraram coisas do passado. O hospital serviu de ambiente para nosso primeiro beijo.

A máquina controladora de batimentos cardíacos disparou, mas não foi necessário chamar a enfermeira. Tudo estava sob controle.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em agosto de 2018.